



# ESPAÇO

*Acadêmico*

V.04 n. 08 - Julho a Dezembro de 2013 - Semestral



**ESPAÇO**  
**ACADÊMICO 5**

**MULTIVIX**

---

SERRA

ISSN 2178-3829

# ESPAÇO ACADÊMICO

**Faculdade Capixaba da Serra - Multivix**  
**v. 04 n. 08 - Julho a Dezembro de 2013- Semestral**

**Diretor Executivo**

Tadeu Antônio de Oliveira Penina

**Diretora Acadêmica**

Eliene Maria Gava Ferrão Penina

**Coordenadora Acadêmica**

Carina Sabadim Veloso

**Coordenador Administrativo**

Álvaro Junior Oliveira Milleri

**Coordenador Financeiro**

Cantídia Jadjesk Montebele

**Coordenadores de Curso**

**Administração;**

Géssica Germana Fonseca

**Ciências Contábeis**

Leanilde Nascimento e Silva

**Pedagogia; Letras**

Angela Maria Neves Roriz

**Engenharia Civil;**

Poline Fernandes Fialho

**Engenharia de Controle e Automação**

Teresa Cristina Maté Calvo

**Serviço Social**

Flaviane Cristina de Oliveira Ferreira Delanos

**Bibliotecária**

Luciana Henrique Fernandes

**Presidente da Comissão Editorial**

Eliene Maria Gava Ferrão

**Comissão Editorial**

Eliene Maria Gava Ferrão

Carina Sabadim Veloso

Oscar Omar Carrasco Delgado

**Endereço para correspondência**

Coordenação Acadêmica

Rua Barão do Rio Branco, nº 120, Colina de Laranjeiras

29.167-172– Serra – ES

e-mail: [carina.veloso@multivix.edu.br](mailto:carina.veloso@multivix.edu.br)

**Capa**

Romulo Santos de Castro

Espaço Acadêmico / Faculdade Capixaba da Serra / – Serra: (jul/dez. 2013).  
Semestral  
ISSN 2178-3829  
1. Produção científica – Faculdade Capixaba da Serra. II. Título

# ESPAÇO ACADÊMICO

## SUMÁRIO

### ARTIGOS

**O Teatro Infantil e a Ideologia do Estado Ditador: O Teatro como Mecanismo Opressor na Peça: Estória da Moça Preguiçosa de 1975.....** 04

Marcela do Nascimento Netto

Maria de Fátima do Nascimento Netto de Souza

**Implicações da Dislexia no Processo de Ensino Aprendizagem.....** 17

Elvis Santos da Silva

Maria Aparecida Alexandre Barbosa

**As Dificuldades de Leitura e Escrita dos Alunos das Séries Iniciais do Ensino Fundamental I e os Desafios Enfrentados pelos Professores para Mitigá-las.....** 35

Bianca Smirdele Schade

Máris Anandrea dos Santos

Tiessa Luiza de Oliveira Loureiro Leão

**Educação Corporativa a Distância.....** 55

Fabricia Erler Von Randow de Oliveira

Izabel Deolindo de Assunção Simões Trarbach

**Ensino Aprendizagem e a Ação do Professor na Sala de Aula .....**66

Célia Viana da Silva

**Estratégias em Gestão de Recursos Humanos: Uma Análise sobre o Indicador Absenteísmo.....**78

Daniela Ferreira Silva

Danielly Klippeler

Renata Peluzio Alves de Oliveira

ISSN 2178-3829

**O TEATRO INFANTIL E A IDEOLOGIA DO ESTADO DITADOR:**

# O TEATRO COMO MECANISMO OPRESSOR NA PEÇA *ESTÓRIA DA MOÇA PREGUIÇOSA DE 1975*

Marcela do Nascimento Netto<sup>1</sup>

Maria de Fátima do Nascimento Netto de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo pretende refletir sobre a forma como Estado utilizou o teatro como instrumento pedagógico, a fim de manejar o público Infantil a receber com naturalidade a arbitrariedade tirânica do modelo de sociedade imposto na década de 70 pela ditadura militar. A análise foi realizada por meio da teoria polifônica de Bakhtin com destaque a ideologia política contida na peça *Estória da Moça preguiçosa* na versão de Aluísio de Almeida (1951) e adaptada ao teatro infantil por Martini T. Santos (1975). Por via de teóricos e estudiosos da Análise do discurso, da Aprendizagem e do teatro, a saber, Bakhtin, Maingueneau, Vygotsky, Ester A. V. Oliveira e M. Camarotti, foram realizadas algumas reflexões que demonstram a intencionalidade do discurso ditatorial voltado para educação, sobre o comando do General Ernesto Geisel (1974-1979) e a contribuição de Paulo Freire e Augusto Boal para a construção do teatro emancipador.

**Palavras-chave:** Teatro ditador. Intencionalidade discursiva. Emancipação.

## ABSTRATC

En este trabajo se reflexiona sobre cómo el Estado utiliza el teatro como herramienta pedagógica con el fin de gestionar el público niño para recibir de forma natural la arbitrariedad tiránica del modelo de sociedad impuesto en los años 70 por la dictadura militar. El análisis se realizó por la teoría polifónica de Bakhtin destacando la ideología política que figura en la pieza *Historia de la Chica perezosa* en la versión de Aluísio de Almeida (1951) y adaptado para el teatro niño por Martini T. Santos (1975). A modo de teóricos y estudiosos del análisis del discurso, el Aprendizaje y el teatro, es decir, Bakhtin, Maingueneau, Vygotsky, Esther A. V. Oliveira y M. Camarotti, algunas reflexiones que demuestran la intencionalidad del discurso dictatorial se centró en la educación para el mando del general Ernesto Geisel (1974-1979) y la contribución de Paulo Freire y Augusto Boal para la construcción del teatro de emancipación se realizaron.

**Palabras clave :** Teatro dictador. Intencionalidad discursiva . Emancipação.

<sup>1</sup>Graduada em Letras-Português-Espanhol pela Faculdade Capixaba da Serra – Multivix.

<sup>2</sup> Graduada em Matemática pela Faculdade Capixaba da Serra – Multivix.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

A peça Infantil *Estória da Moça Preguiçosa* é uma adaptação de M. L. C. Martini T. Santos extraída da obra *142 Histórias Brasileiras* de Aluísio de Almeida (1951) que por sua vez se inspirou no conto VII de El conde Lucanor (1330). Faz parte da Coleção Prêmios – Teatro Infantil, publicada pelo Serviço Nacional de teatro durante a ditadura militar no ano de 1975. Encarregada do setor de difusão cultural e responsável pela apresentação da obra, Zuleica Mello, relata que o objetivo da coleção se voltar para o público infantil é proporcionar divertimento e educação em consonância com valores que deveriam ser aprendidos na escola. O que se faz questionar: valores de quem e que valores são esses?

No ano da publicação da peça (1975) ainda vigorava o Ato Institucional Número 5 (AI-5) em que em meio a concessões, determinações e represarias, impunha censura prévia para peças teatrais, porém, a medida não conseguiu impedir que a produção teatral respondesse as arbitrariedades dos militares, por meio de diálogos críticos com a sociedade, o que Ester A. Oliveira (2011) analisando o papel social do teatro da época chama de *interloquções*, ou seja, o dialogismo existente entre a sociedade e as representações teatrais. O preço que se pagava por essa insubmissão era alto, muitos eram perseguidos, exilados, torturados e até mortos pelo ideal de liberdade de expressão.

O decreto-lei nº 1.077, de 26 de Janeiro de 1970, proibia publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes por “qualquer meio de comunicação”, porque “o emprego desses meios de comunicação obedece a um plano subversivo, que põe em risco a segurança nacional” (OLIVEIRA, 2011, p.72)

As peças para passarem pelo crivo do Departamento de Ordem Política (Dops) não poderiam ter nenhum tipo fomentação a ideais liberais, incentivo a insubordinação ou atentado a moral, porém, como se sabe o teatro bem como a literatura e outras artes espelham os valores da sociedade, como tal, as produções desse período expressam a agonizante situação do país que estava sobre o comando do general Ernesto Geisel.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre a gestão de Ney Aminthas de Barros Braga foi quem elaborou a Coleção Prêmios - Dramaturgia Brasileira, aparentemente, como incentivo à reabertura de diálogo entre a arte e as instâncias governamentais, uma vez que o país estava passando por um longo período de perseguição, a arte considerada subversiva, entretanto, essa “reabertura” deu vazão a um tipo de repressão velada.

A gestão de Geisel, mais precisamente no ano 1974, foi marcada por essa tentativa de abertura democrática pela qual propunha diminuir a rígida censura imposta a expressão artística, todavia, os militares da “linha dura” não aceitaram essa proposta e agiam com a mesma violência de antes em nome da segurança nacional. Em 1976, Geisel retrocede no processo de abertura política e em 1977 impõe normas ainda mais autoritárias que afastava a sonhada democracia.

A solução encontrada pela instância governamental para conter subversão dramática foi à institucionalização da arte teatral, indubitavelmente, com o propósito de repressão, tornando o teatro domínio do Estado por meio da lei 5692/71. Esta estratégia intentava enfraquecer os atos subversivos inculcando desde a tenra idade, por meio do teatro infantil, os ideais de sujeição e falsa moral, aproveitando-se da vulnerabilidade infantil para moldá-los e formar cidadãos passivos.

O teatro institucionalizado objetivava acostumar a criança a visualizar a sociedade nos moldes ditatoriais. Para Vygotsky (1989), a criança precisa da interação social para desenvolver-se cognitivamente e internalizar a sua cultura. Nesse processo de internalização ela se impregna com o externo para enfim tornar seu o que é social. Nesse viés, Vygotsky afirma que "a internalização das atividades socialmente enraizadas e historicamente desenvolvidas constitui o aspecto característico da psicologia humana; é a base do salto qualitativo da psicologia animal para a psicologia humana." ( p.65).

Augusto Boal (1931-2009), teatrólogo, dramaturgo, ensaísta e crítico ferrenho do governo, atento a intencionalidade do “teatro ditador”, inaugura o que ficou conhecido como “Teatro do Oprimido”, uma série de técnicas que se apoia na reflexão crítica das peças teatrais que tinha por objetivo elevar o indivíduo de espectador a crítico das condições sociais contidas nas peças. Por essa militância, Boal foi preso, torturado e levado ao exílio.

## **2 O TEATRO INFANTIL USADO COMO INSTRUMENTO PEDAGOGICO**

O manuseio do teatro com fins pedagógicos existe desde sua origem na Grécia antiga em níveis políticos, religiosos e sociais, embora alguns atualmente discordem dessa função, alegando que o teatro é uma arte e, portanto, não deve ter fins didáticos, o teatro instaurado pelo governo da década de 70 contrapõe essa ideia de arte pela arte e o utiliza como mecanismo didático com finalidade de estabelecer seus ideais de sociedade. Sobre o domínio ditador, o teatro infantil, que possui características próprias, adquiriu um tom professoral e propósito moralizante. Segundo Kishimoto (1996 p.36) “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge à dimensão educativa”.

Na elaboração e seleção das peças deviam sobressair: jogo de palavras, duplos sentidos e insinuações sutis na instauração ideológica do Estado que reconhece no teatro um grande poder instrutivo que possibilita o individuo a apropriações que se difere de outras áreas do conhecimento, a partir dessa perspectiva, vai utilizá-lo como ferramenta de disseminação de suas doutrinas. As estratégias lúdicas buscavam envolvimento das crianças com as

personagens por meio de brincadeiras, jogos e músicas que comumente levava a devaneios e ao estado de passividade ante a ideologia impregnada no drama, tornando-as objetos facilmente manobráveis que creditavam como verdadeiras as lições passadas pela história. Nesse prisma, a peça “Estória da Moça Preguiçosa” é marcada por essas ideologias que são percebidas por meio da análise discursiva, como veremos a seguir no resumo da obra:

A trama se desenrola em torno da personagem identificada apenas por “moça” que possui uma característica que define o perfil e o andamento do enredo, a preguiça. As personagens não tem nome próprio, os protagonistas são denominados por nomes generalizados como “moça” e “moço”, o mesmo acontece com os personagens secundários. Durante toda a ação dramática a moça mantém-se alheia aos conselhos da mãe de cuidar da aparência e se dedicar aos afazeres domésticos. Embora não fosse vaidosa e por alguns considerada feia, despertou interesse em um jovem filho de coronel. No momento que o moço foi pedir a mão da moça, o pai foi logo alertado do tamanho da preguiça da jovem, mas não adiantou ele estava resoluto em se casar com ela.

Enfim, casam-se. Já no primeiro dia, a moça fica na cama e pedi ao moço para lhe preparar o café, e ele assim o fez, o mesmo aconteceu no almoço e depois no jantar. O moço foi ficando irritado, pois, sempre ao chegar do trabalho em casa, encontrava a mulher deitada. Foi então que estrategicamente, comprou uma capa longa que se usava em dias frios, a moça estranhou, porém nem da cama levantou.

No outro dia o moço se levantou pendurou a capa no portal e recomendou estranhamente para a capa que fizesse o almoço e saiu. Quando chegou encontrou a mesma situação, a capa no portal e a moça deitada. Muito irado pegou o chicote e surrou a capa até parecer velha, a moça espantada observava, porém não se levantou, e assim sucedeu durante alguns dias. Depois de um tempo, o moço em um desses ataques pediu com autoridade que a moça segurasse a capa e começou a surrá-la e alguns golpes acertaram a moça que gritava enquanto o moço dizia “quem come do meu pão, prova do meu cinturão!”. A moça ficou com muita dor e chorou até soluçar.

Após o acontecimento, a moça acordou cedo se arrumou e pôs um lindo vestido azul. Preparou o café e disse ao moço com um sorriso “Guarda a capa no baú!”. O moço então guarda a capa, os dois se abraçam e saem de cena.

## 2.1 – ANÁLISE: A IDEOLOGIA INSERIDA NA PEÇA.



A peça compreende um único ato com quatro narradores, atores humanos e bonecos, rimas, cantigas, instrumentos musicais e danças. Esses elementos são usados como recursos para um maior dinamismo e suavizar a mensagem que perpassa durante a peça.

Por meio da teoria Polifônica de Mikhail Bakhtin, compreende-se que todo discurso é composto por diversas vozes que o perpassam e o constitui, este por sua vez dialoga com outros discursos a que denominou dialogismo. Assumindo essa vertente da análise do discurso, se pretende destacar o cunho opressivo que foi estabelecido de maneira implícita nos enunciados.

Partindo do pressuposto que “a finalidade de todo ato de comunicação não é informar, porém persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado” (FIORIN 2006, p.72) é possível encontrar, para além da expressão artística dessa peça teatral, uma intenção de se instaurar uma ideologia, para tanto, torna-se crucial para identificação desta a análise dos enunciados a compreensão da semântica que eles adquirem quando empregados com a intenção de mascara um posicionamento ditador.

Althusser (1985) ao conceitua ideologia como sendo algo substancial e não um conjunto de ideias, ressalta a materialidade do termo e a percepção de sua concretude nas instituições e aparelhos funcionais do Estado, dentre eles a escola onde se situa nesse momento o teatro ditador.

[...] se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o maternal, e desde o maternal ela lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais “vulnerável”, espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos da ideologia dominante ( o francês, o calculo, a história natural, a ciência e a literatura), ou simplesmente a ideologia dominante em um estado puro (moral, educação cívica e filosofia) (ALTHUSSER 1985 , p.79)

O funcionamento dessa ideologia na peça ocorre de forma curiosa, no início do texto dramático é sugerido que todo elenco esteja sentado junto à plateia. O que se obtém com essa “sugestão” é uma aproximação maior com o público, se fazendo crer que a história contada poderia ter ocorrido com qualquer pessoa ali sentada. A ideia de generalização se perpetua no drama, haja vista que os personagens não possuem nomes próprios, pois fazem parte de uma representação de um grupo maior. Na sequência eles se levantam e vão para o palco e após cantarem uma música, os demais personagens saem, ficando apenas dois narradores que se dirigem diretamente ao público sempre em tom professoral.

1º NARRADOR: Senhores, Senhoras, ouvi com atenção e de nossa estória **tomai a lição!** (p.7 grifo nosso)

Já no primeiro momento, o texto revela que se propõe a ensinar, na fala subsequente, o 2º narrador recomenda a propagação do que se aprender. A expectativa é de que as ideias sejam inculcadas e disseminadas pelas próprias crianças. Dessa forma, o Estado se propõe, de

maneira implícita, a produção de sujeitos adestrados. Segundo as teorias de Pêcheux (1988), estudioso da Análise do Discurso, isso ocorre devido a um esquecimento de natureza inconsciente e ideológica em que o sujeito, não de maneira consciente, cria a ilusão de ser autor de seu discurso. Ao divulgar o que viu e aprendeu na peça, a criança terá a fantasia de que são seus os pensamentos do discurso ditador mascarado pelo lúdico.

Parafraseando Althusser (1985, p.12) a pretensão do Estado não está como declarou a então responsável pela difusão da cultura Zuleica Mello de proporcionar divertimento e educação e valores, mas tornar algo não natural aceitável e a submissão parte da realidade dessas crianças, levando-as a acreditar quando adultas que a maneira a qual estão condicionadas é natural, para isso faz uso de instituições aparentemente neutras como a escola, a família e a religião.

Os padrões são impostos por esses aparelhos e deve ser criteriosamente seguidos. Ao colocar em evidência a preguiça da moça e adotá-la como tema central do enredo, em um período que os papéis sociais eram bem demarcados, se estabelece a quebra de um paradigma. Afinal, qual homem se casaria com uma mulher que não gosta das tarefas domésticas? Então o interesse do filho do coronel trouxe estranheza às beatas as quais seguem a tipologia construída da inferência de que beatas são faladeiras.

O que se presencia no fragmento em que se descreve a moça é a quebra de um padrão convencional social e uma estrutura alternativa e por isso inaceitável, típico da ditadura, haja vista que as pessoas deveriam se comportar dentro de um padrão, subtende-se que a moça por ter esse “defeito” não seria digna de se casar:

2ª. BEATA: Louco de Amor... Mas a moça merece entrar nesse jogo?  
(p.10)

Obviamente estes discursos só terão sentido se intercalados por outros, ou seja, ao citar o não merecimento da moça pressupõe-se uma série de situações que a fariam merecedoras do amor do moço dentre elas aptidões domésticas. Essa declaração seria uma resposta ao forte movimento feminista que se configurou contra a ditadura militar.

Exatamente em 1975, data da publicação da peça, a Organização das Nações Unidas (ONU) declara o ano internacional da mulher, portanto, pode se inferir por meio da teoria polifônica de Bakhtin, a presença das vozes do movimento feminista e da réplica do governo militar em um embate latente em algumas declarações que perpassam as falas e a tentativa de desconstruir a figura feminina militante que partilhava como os homens da luta armada contra ditadura e a reconstrução da figura delicada cuja única preocupação era zelar pela casa, marido e filhos.

Outro fato interessante que ocorre na trama é o espanto do pai da moça ao perceber o interesse do filho do coronel por sua filha e sua declaração:

PAI: Vossa Mercê se arrepende...

MOÇO: Não me arrependo, é de gosto! Se me achar suficiente...

PAI: **Muito** até e não pouco!” (p.13 grifo nosso)

O próprio pai considerava a filha indigna de se casar, pois não estava dentro dos padrões sociais de uma mulher para casamento. Ela era preguiçosa. O pai preocupou-se com o rapaz em obter como esposa, uma mulher como sua filha e lhe dar conselhos que são recusados, e enfim, casa-se com a moça. Diante da primeira investida da moça para que o marido lhe fizesse o café da manhã, uma didascália intrigante surge no texto:

2º NARRADOR (com **graça irônica**) – Marido bom era o moço, à moça o café levou. (p. 16 grifo nosso)

Essa instrução dada pelo texto teatral demonstra uma conotação negativa a atitude do marido demarcada pela ironia, uma vez que subentende-se que essa atitude do marido não está em sintonia com os modos de representação de família imposta por aquela sociedade, em que o papel servil pertence a mulher. Na recorrência dessa situação, sempre haverá a marca irônica na fala do narrador acentuando a inadequação social na qual essa família esta sendo estruturada.

Com apenas três dias, o marido já se mostra muito irritado e com malícia arquitetou um plano para enfim assumir seu papel de “marido ideal”, ou seja, opressor e hierárquico. Esse estratagema envolvia um jogo psicológico e manipulativo envolvendo a mulher e a capa que comprou para esse fim, a priori procurou induzir verbalmente a mulher a assumir o estereótipo de esposa fixado pela sociedade vigente. Para tanto, utilizou-se de um jogo simples, ele falava com a capa em tom ameaçador tudo o que na verdade queria falar com a mulher.

MOÇO: Recomeço, hoje o trabalho, o campo está em flor! Na hora do almoço de volta, quero, **capa**, me repor, comendo comida fresca feita por ti, meu amor! (Assim dizendo, o Moço estala o **chicote no ar** e se vai) (p.19 grifo nosso)

Ele fala a mulher de um recomeço, a capa está sendo usada apenas como um artifício no processo dialógico, pretende mostrar por meio de um gesto ameaçador com o chicote quem é que manda . É importante lembrar que o público-alvo é o infantil, portanto é utilizado um complexo jogo linguístico no qual se estabelece processos cognitivos que implicam na construção da representação semântica favorável a atitude do moço que é permeada por mensagens de uma sociedade violenta e machista que demarca os discursos que circulavam na

ditadura, indubitavelmente, o estalar do chicote significaria algo mais para as crianças que assistissem à peça.

A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN 1981, p. 95, Grifos do original).

Uma visão estereotipada das relações sociais é estabelecida nesse discurso ditador, que durante esse período censurou mais de 500 peças teatrais, permitindo apenas aquelas que partilhavam da visão ideológica dos papéis sociais estabelecidos pelo Governo Militar. Logo, tal análise engloba mais do que uma visão subjetiva dos acontecimentos que giram em torno da peça, uma vez que os dados históricos e sociais corroboram para uma reflexão crítica do conteúdo dramático em questão. De forma pouco contestada, fica evidente a ameaça de uma consequência física para a moça, caso não realize as atividades domésticas que ele estabeleceu. Ao mostra-se indiferente ou resistente às ordens dadas indiretamente pelo marido, a moça não poderia manter-se impune após essa atitude desrespeitosa e desafiadora de simplesmente virar-se e continuar dormindo após uma ordem do senhor da casa.

2º NARRADOR: - A moça meio assustada, quase que se levantou! Mas quando o moço se foi, dormiu no seu cobertor. (p.20)

Essa é uma postura que entra em contraposição com a noção de mulher da ideologia modulada pelas relações sociais e culturais da época. Devido a essa ruptura, a trama segue com um ato enfurecido do marido que ao retornar para casa e perceber que a mulher não acatou suas ordens impostas por meio de um jogo multi-semiótico entre a moça e a capa, arbitrariamente, a faz segurar a capa e bate enfurecido nela até ficar cansado.

A ambiguidade do parágrafo anterior foi intencional, haja vista que esse recurso também foi usado no jogo de ideias da peça para suavizar o peso de agressão física a uma mulher. A didascália a seguir reforça essa afirmação:

Enquanto o moço bate na capa, dizendo sua fala, a moça dá gritos e se agita. (A cena tem que ser sobre o cômico, para evitar vulgaridade) (p.21)

Como já mencionado, o contexto histórico da peça é marcado por lutas do movimento feminista contra o assassinato de mulheres cometido em sua grande maioria por seus cônjuges que originou no final da década de 70, um dos primeiros slogans do movimento: “Quem ama não mata”. A aparente inocência trazida por meio dos cânticos e rimas esconde uma cruel doutrina de escolha para as crianças do sexo feminino: sujeição/submissão ou agressão e violência.

MOÇO: Capa, que eu bem te avisei... Capa, que eu bem te avisei... **Pois quem come do meu pão, prova do meu cinturão!** (p.19 grifo nosso)

Esse enunciado “Capa, que eu bem te avisei” promove uma ideia de que a fala se referia a capa, porém essa suposta generalização trazida pelo pronome *quem* não procede, uma vez que quem comia do pão era a mulher e não a capa. É nesse ponto que há a quebra de ambiguidade. Esse é sem dúvida o ponto mais crítico do enredo em que na tentativa de suavizar o ato da agressão o marido pede para a esposa segurar a capa, dessa forma camufla parcialmente a obscenidade da cena, porém a intencionalidade ainda é aparente, o alvo não era a capa e sim a mulher.

Ele repete: Pois quem como do meu pão, Prova do meu cinturão!

1º NARRADOR – O moço ficou cansado, a moça com muita dor...(p21)

Após toda essa encenação bizarra do espancamento, a moça sente-se culpada e coloca-se a chorar de tristeza, como se fosse responsável pelas atitudes do marido, típico de mulheres que sofrem agressões. Esse arrependimento resultou em mudança de atitude da moça que “aprendeu a lição” e agora tornou-se uma esmerada dona de casa.

(...) penteada e arrumada, trazendo uma caneca de café, a mesma que o moço lhe tinha trazido antes. (p.21)

Esse é o discurso fascista do governo militar, de que a insubmissão deve ser contida pela agressão. Essa peça é uma resposta a todo e qualquer movimento subversivo da época. Em tom ameaçador, é perpassada durante toda a trama, a ideologia do estado, de que qualquer ato de insubmissão deveria ser tratado como causa de segurança nacional, portanto deveria ser eliminada.

Ao intimidar e inculcar desde a tenra idade esses ideais, o Estado estava desejoso de refletir na massa o mesmo tom suplicante e conformado que levou a moça dizer: “Guarda a capa no baú” (p. 22).

## 2.2 O TEATRO COMO INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO

Em uma via contrária ao teatro opressor da década supracitada é possível recorrer às teorias referentes à pedagogia libertadora e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1967-1997) para analisar como ocorre a emancipação do indivíduo, haja vista que se apóiam no fundamento do qual para o sujeito se desenvolver criticamente, dependerá do seu envolvimento com a educação e cultura.

A cultura – por oposição à natureza, que não é criação do homem – é a contribuição que o homem faz ao dado, à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens. A cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não “incorporadas” no ser total e na vida plena do homem. (FREIRE, 2000, p.21)

A partir da perspectiva do teatro como instrumento de *libertação*, seguindo o campo léxico de Paulo Freire, é possível encontrar no dramaturgo Augusto Boal, apoiado pelas teorias marxistas, a compreensão de um Teatro do Oprimido que se compromete em uma libertação social. As teorias de Freire e Boal coadunam e dialogam perfeitamente no mesmo objetivo: tirar o sujeito da inércia intelectual e levá-lo a construir e transformar sua realidade.

No que se refere a legislação atual, o respaldo dado pela Lei de Diretrizes e Base da Educação nº9394/96 inclui o teatro apenas como uma *sugestão* dentro da disciplina de Artes. Devido à flexibilidade da lei, dependerá do professor assumir um caráter “transgressor” ou igualar-se aos demais que limitam o ensino das Artes ao modelo capitalista que se interessa pelos desenhos geométricos que se aplicam à indústria, sem a menor responsabilidade de direcionar o educando ao pensamento crítico. Farias (2008, p.20) relata outro fator pelo qual o teatro não é bem quisto por alguns gestores de instituições escolares, o “barulho”. A aula de teatro incomoda, uma vez que as formas de composições artísticas, segundo eles, deixam ainda mais conturbados os ambientes das escolas públicas.

Em uma via contrária, a pedagogia de Freire (1996, p.19) estabelece que “quanto mais (o sujeito) refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la”. Sobre essa ótica, o teatro emancipador tem como finalidade conscientizar por meio de uma reflexão analítica da sociedade, na qual o teatro para além do entretenimento gera transformação individual e social.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O teatro, mais especificamente o infantil, com seu alto grau instrutivo é perpassado por diversas vozes em níveis políticos, religiosos e sociais que dialogam entre si, porém, durante esse processo que a teoria da linguagem bakhtiniana denomina de polifônico, alguma dessas vozes se sobressai demarcando seu posicionamento ideológico. Na referida peça analisada, houve destaque para a “voz” da política ditatorial vigente que na tentativa de domesticar e

conter os futuros ataques subversivos, institucionalizou a arte teatral, a tornando propriedade do Estado.

A peça infantil Estória da Moça Preguiçosa é o reflexo desse ato político. Quanto mais tenra fosse a idade, mais fácil seria inculcar ideais de sujeição e manejá-los aos moldes do governo. Logo, a publicação dessa peça corresponde a resposta do Estado a quebra do paradigma social da mulher incentivado pelo movimento feminista na década de 70.

Mascarado pelas expressões artísticas, se tinha um complexo jogo de ideias e insinuações que elevava o teatro do dramático a uma instancia altamente educativa. Dentro do viés do entretenimento, se intentava suavizar o posicionamento ditador pelo léxico em rimas e por meio das cantigas, embora fosse possível identificá-lo durante o enredo por meio das teorias da Análise Discurso.

Tendo como pressuposto que nas teorias da Análise do Discurso a ideologia ocupa um lugar privilegiado, é possível reconhecê-la como principal fonte teórica para análise dessa peça. Nos enunciados analisados foi perceptível o atravessamento ideológico que propunha cindir e clivar o sujeito de tal maneira a torná-lo adestrado, todavia o deixando na ilusão de ser a fonte de seu próprio discurso.

[...] a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder, podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT,1985, p. 241).

Baseado nessa afirmação de Foucault, abri-se a possibilidade de rompimento dessa dominação trazida pelas relações de poder do Estado para compor uma dimensão de aprendizado, segundo as teorias de Freire acerca da Pedagogia da libertação e do oprimido. Para tanto, é impreterível que se estabeleça que nas relações linguísticas, a ideologia é parte inerente da linguagem e não pode se libertar da mesma, tendo em vista que a linguagem se estabelece dentro da formação ideológica, porém, pode haver a emancipação dos feitos da ideologia como conjunto de ideais quando está é percebida.

Segundo Valente (2004) “o teatro emancipador é uma intervenção artístico-formativa que visa uma ligação entre a atividade educativa, teatral e cívica”. Nesses moldes, a medida que o individuo se reconhece e toma consciência do que representa para o social, compreende também os mecanismos de opressão emergentes nos quais está inserido. Com essa tomada de consciência, inicia-se o processo de emancipação.

Contrapondo ao teatro opressivo desse período, atualmente, as escolas que se voltam para o teatro, o buscam, em sua maioria, como instrumento emancipador. Nessa perspectiva, retoma-

se o princípio do teatro como meio de instrução e desenvolvimento individual e social da criança, a fim de levá-la a determinar a sua própria realidade.

Dentro da perspectiva educativa, o teatro cria no sujeito múltiplas percepções de mundo e algumas apropriações sociais bem peculiares, uma vez que é atravessado pela cultura e submerge ao universo das artes que se inspira quase sempre no cotidiano.

O contraste estabelecido entre o teatro emancipador e opressor é de cunho estritamente ideológico, relembrando o conceito de Althusser sobre os aparelhos ideológicos do Estado, enquanto o que oprimi subjuga o educando a uma condição de objeto passível de manejo conforme seus interesses, o emancipador liberta-o da condição de assujeitado para sujeito construtor de sua própria história.

#### **4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, Luís Castanho de [Aluísio de Almeida]. **Cento e quarenta e duas histórias brasileiras**. São Paulo, Departamento de Cultura, 1951

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez 1996.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CAMAROTTI, Marco. **A linguagem no teatro infantil**. 3 ed. Recife: Editora Universitária. 2005

FIORIN, J.L. **Linguagem e ideologia**. 2ª edição. São Paulo (SP): Ática. 1990.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14. Ed. São Paulo: contexto, 2006.  
FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro (RJ): Graal, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários às praticas educativas. São Paulo: Paz e Terra, 1996



GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso:** Conceitos e aplicações. In: Alfa, v. 39. São Paulo (SP) 1995. p.13-21.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida (Org.). **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Hucitec, 1981.

OLIVEIRA, Ester A. V. **O teatro se subjuga ao poder:** Ideias esquetejadas sempre renascem. Academia Espírito Santense de Letras: 2011

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** Uma Crítica À Afirmação Do Óbvio. Tradução de E. P. Orlandi et alii. Campinas: UNICAMP, 1988.

SANTOS, M. L. C. **Teatro infantil:** Três peças. Ministério da Educação e Cultura (coleção prêmio): Rio de Janeiro: 1975

VALENTE, Lucilia Maria O. R. **Para uma teorização do teatro emancipador.** Disponível em: [www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pedagogia.pdf](http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pedagogia.pdf). Acesso em: 19 de novembro de 2013.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

## **IMPLICAÇÕES DA DISLEXIA NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM**

## RESUMO

A dislexia tem como características principais a dificuldade de leitura e escrita. Para entender melhor esse distúrbio procurou-se inicialmente entender o problema, fazendo uma breve pesquisa bibliográfica para embasamento teórico do assunto, tendo como referencial principal: Olivier (2007); José e Coelho (2007); Condemarin e Blomquist (1986). E assim, pôde-se chegar a algumas conclusões de como a dislexia pode afetar a aprendizagem, entendendo o que esse problema pode causar. De certo modo, percebemos que esse distúrbio pode em geral prejudicar a leitura e a escrita, mas quando diagnosticado logo no início da vida escolar, evita o atraso do tratamento, permitindo ao educador maior atenção às particularidades no ensino ao disléxico e a partir daí, desenvolver atividades individuais, como exercícios devidamente adaptados ao tipo e grau de dificuldade identificado pelo profissional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Especial. Dislexia. LDB. Aprendizagem. Intervenções.

## ABSTRACT

Dyslexia has as main features the difficulty reading and writing. To better understand this disorder initially sought to understand the problem, making a brief literature search for theoretical foundations of the subject, taking as a reference page: Olivier (2007); Joseph and Coelho (2007); Condemarin and Blomquist (1986). And so, we could come to some conclusions about how dyslexia can affect learning, understanding what can cause this problem. In a way, we realize that this disorder may generally impair reading and writing, but when diagnosed early in school life, avoid delaying treatment, allowing the educator to greater attention to the particularities in teaching dyslexic and from there, develop activities individual, such exercises are tailored to the type and degree of difficulty identified by the professional.

**KEY-WORDS:** Special Education. Dyslexia. LDB. Learning. Interventions.

## 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Licenciado em Letras pela Faculdade Capixaba da Serra- Multivix. Graduando em Pedagogia pela Faculdade Capixaba da Serra, Serra- ES.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras pela Faculdade Capixaba da Serra- Multivix. Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Capixaba da Serra, Serra- ES.

As dificuldades de leitura e escrita, apresentadas por alunos no período letivo podem contribuir, diretamente para seu fracasso escolar, uma vez que a criança que não consegue identificar os símbolos gráficos, pode não desenvolver o pleno aprendizado no que tange a sua intelectualidade e sociabilidade podendo comprometer o seu aprendizado. Dentro dos problemas de aprendizagem temos os que, muitas vezes se encontram associados à dislexia.

Condemarin e Blomquist (1986, p. 21) definem a dislexia como resultado de vários sintomas, proporcionados a partir de uma “disfunção parietal”<sup>3</sup> ou “parietal occipital”<sup>4</sup>, podendo ser hereditária ou outrora adquirida, sendo em função de um acidente cérebro-vascular causado pelo rompimento de uma artéria ou bloqueio por meio de um coágulo sanguíneo, e que prejudica o desenvolvimento da leitura e escrita.

Os autores destacam ainda que os transtornos causados por esse distúrbio ao processo de aprendizagem podem variar do sintoma leve ao severo. Logo, a importância da precisão no seu diagnóstico.

O que justifica e nos leva a buscar a compreensão desse assunto são as consequências, que um erro no seu diagnóstico pode causar no aprendizado do aluno. Portanto, o professor deve estar atento a essas particularidades na sala de aula.

Nessa perspectiva, nosso objetivo é proporcionar o entendimento do que é dislexia, assim como seus principais sintomas, o que ela pode causar durante o processo de aprendizagem, qual o melhor tratamento e como o educador deve agir diante de um disléxico.

Partimos da hipótese de que, a dislexia afeta a aprendizagem por ser um distúrbio que dificulta o desempenho do aluno em ambas as atividades. Sendo assim, encontramos maiores complicações quando se tem conclusões precipitadas acerca de tal distúrbio, ou seja, um diagnóstico mal interpretado pode acarretar sérios problemas posteriores, como o atraso no tratamento ou tratamento de algo que não existe.

A discussão do assunto é baseada em uma pesquisa bibliográfica para embasamento teórico

---

<sup>3</sup> Segundo o dicionário de Domingos Paschoal Cegalla, disfunção parietal é o desvio de ossos que contribuem para formar as paredes laterais superiores do crânio (CEGALLA, 2005, PP. 315, 645).

<sup>4</sup>Cegalla define parietal occipital como osso que forma a parede posterior e inferior da cabeça (CEGALLA, 2005, p. 618).

do texto, uma vez que o tema tem sido muito pesquisado e discutido, com descobertas e comprovações científicas. Esse estudo será de caráter qualitativo, pois se fundamentará na interpretação de fenômenos e atribuição de significados por meio da subjetividade dos autores.

Visamos esclarecer características que norteiam a dislexia e posteriormente, orientar ao professor que esteja atento às diferenças apresentadas por seus alunos, visto que provavelmente será ele o primeiro a notar dificuldades, por meio do desenvolvimento de atividades em sala de aula.

## **2. EDUCAÇÃO ESPECIAL: DESCOBRINDO A DISLEXIA**

O desenvolvimento da sociedade trouxe consigo, o nascimento de pessoas com diferentes comportamentos, indivíduos com necessidades especiais, que provocaram em alguns estudiosos o anseio em pesquisar essas novidades e buscar respostas para certas deficiências.

Foi principalmente na Europa que os primeiros movimentos pelo atendimento aos deficientes, refletindo mudanças na atitude dos grupos sociais, se concretizaram em medidas educacionais. Tais medidas educacionais foram se expandindo, tendo sido primeiramente levadas para os Estados Unidos e Canadá e posteriormente para outros países, inclusive o Brasil (MAZZOTA, 1996, p.17).

A busca por novas descobertas no âmbito de pessoas especiais foram de extrema importância, pois sem o entendimento do que se tratava e amparo legal, os deficientes, por serem “diferentes”, sofreram muitos preconceitos sendo tratados como marginalizados e ignorados em certas situações.

Massi (2007, p. 25) relata que, as primeiras descrições envolvendo dificuldades na aprendizagem da linguagem escrita estão relacionadas com a história da própria institucionalização do ensino. Segundo a autora, foi na França, ao final século XIX, com a criação das “escolas elementares públicas, obrigatórias e formalmente organizadas”.

Para Souza (2013, p.9), os primeiros indícios de perturbações relacionadas à linguagem escrita em adultos após sofrerem um acidente cerebral, foram constatadas pelo médico alemão Kussmaul, em 1878, as quais foram nomeadas como perdas afásicas. De acordo com relatos, o médico nomeou o caso como “cegueira para leitura” após unir sintomas de um indivíduo, que não conseguia ler em consequência de uma hemorragia cerebral.

Neste sentido, percebemos a semelhança nos sintomas do fato citado com o distúrbio de aprendizagem, que atualmente chamamos de dislexia<sup>5</sup> adquirida. A descoberta específica de tal distúrbio colaborou para o desenvolvimento da aprendizagem de seus portadores, porquanto só assim foram estudadas novas formas para trabalhar certas dificuldades.

O deficiente é uma pessoa com direitos. Existe, sente, pensa e cria. Tem uma limitação corporal ou mental que pode afetar aspectos de comportamento, aspectos estes muitas vezes atípicos, uns fortes e adaptativos, outros fracos e pouco funcionais, que lhe dão um perfil intra-individual peculiar. Possui igualmente discrepâncias no desenvolvimento biopsicossocial, ao mesmo tempo que aspira a uma relação de verdade e de autenticidade e não a uma relação de coexistência conformista e irresponsável (FONSECA, 1995, p. 9).

Com o objetivo de defender pessoas com necessidades especiais foram elaboradas algumas leis para que fossem exigidos seus direitos.

A Lei de Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL (LDBEN), que diz o seguinte:

Parágrafo único. O poder Público adotará como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

---

<sup>5</sup> SOUZA (2013, p. 8), define a dislexia como uma dificuldade primária do aprendizado, envolvendo: leitura, escrita, soletração ou uma combinação destes fatores. Sendo uma palavra de origem grega, a qual “dis”, significa dificuldade, “lexia”, significa palavra, leitura, formando assim, o termo dificuldade na leitura e escrita.

### **3 ATÉ QUE PONTO A DISLEXIA PODE AFETAR A APRENDIZAGEM DO ALUNO?**

Para entendermos melhor o assunto que pretendemos trabalhar, é importante esclarecer o que são problemas de aprendizagem. Com base em José, Coelho, (2007, p. 22) são dificuldades encontradas pela criança, sendo ela normal ou com algum desvio, mas com possibilidades de aprender, ainda que seja de forma gradual.

Olivier (2007, p. 47) relata que, entre os distúrbios de aprendizagem, a dislexia é a mais divulgada e, muitas vezes classificada de modo equivocado. Além dessa síndrome existem outros problemas, que podem também prejudicar a aprendizagem, todavia não são considerados tão complexos quanto esse problema. Nesse sentido, a autora defende também que:

Crianças com perdas auditivas leves ou moderadas também costumam trocar e confundir fonemas, especialmente, “t” por “d”, “f” por “v”, “p” por “b”, “q” por “g”, quando falam e até quando escrevem, principalmente na fase de alfabetização. Isso acaba sendo confundido com dislexia, quando, na verdade, é apenas uma falha auditiva. (OLIVIER, 2007, p. 46.)

Citando ainda Olivier (2007, p. 57) vemos que, a dislexia, quando adquirida, é denominada por “Anoxia” (diminuição ou ausência de oxigenação no cérebro) podendo ser a “Anoxia Perinatal” (relativo aos acontecimentos de antes ou imediatamente depois do parto), ou a “Anoxia” por afogamento, em que a criança poderá apresentar dificuldades significativas no aprendizado em vários níveis. Um deles é que, ao ser alfabetizada, possivelmente apresentará dislexia. Com isso, o possuinte pode não conseguir desenvolver a leitura e, conseqüentemente, poderá prejudicar sua escrita e discurso, pois quem não lê não possui uma "bagagem linguística" adequada para transmití-la na elaboração de textos e utilizá-la cotidianamente.

Segundo a autora, as anoxias podem lesar partes do cérebro e assim, afetar o desenvolvimento do aprendizado do indivíduo em relação à leitura e escrita, comprometendo todo o processo de ensino.

### 3.1 A DISLEXIA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Muitos estudos mostram que a dislexia é a mais citada entre os distúrbios de aprendizagens, em virtude de que ela pode dificultar o processo de leitura e escrita. Essa síndrome apresenta por alterações nos hemisférios cerebrais, em alguns cromossomos ou ainda pode ser causada por acidentes como: uma Anoxia, como já foi dito antes, por meio de um AVC, entre outros.

O termo dislexia é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual lêem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e incentivos normais, bem como instrução adequada (CONDEMARIN, BLOMQUIST, 1986, p.21).

Por existir em diversos níveis, esse distúrbio deve ser tratado com muita atenção, procurando desfazer qualquer dúvida, que possa interferir no seu diagnóstico. Isso muito interfere no tratamento, possibilitando ao professor a elaboração de atividades que venham colaborar com a aprendizagem do disléxico.

Porém, percebemos que muitos profissionais desconhecem essa síndrome e podem, com isso confundir um diagnóstico. Um exemplo é a análise isolada de algumas características consideradas da dislexia. Em Olivier (2007, p.39-43), vemos que, nesse caso é necessário verificar todos os sintomas em conjunto, pois pode ser característica de outro distúrbio, já que existe uma grande semelhança entre alguns, como a disgrafia (dificuldade ou ausência na aquisição da escrita), disortografia (dificuldade na expressão da linguagem escrita), dislalia (omissão, substituição, acréscimo ou deformação dos fonemas), etc.

De acordo com Olivier (2007, p.51), “é lamentável a maneira simplista e taxativa com que a dislexia tem sido definida ao longo de todo um processo de descobertas e comprovações científicas.” Essa atitude pode acarretar grandes problemas, pois é necessária a aceitação de

resultados obtidos em novas pesquisas para melhor definir o assunto. Com o mesmo raciocínio, pensamos em outro problema que é a não aceitação do diagnóstico por parte da família do disléxico. Isso se dá de forma preconceituosa, uma vez que os pais por ignorância, não sabem do que se trata e por medo de ter um doente em seu meio, preferem não falar do assunto.

Para José, Coelho (2007, p.222) “Respeitar a criança é, sobretudo apontar os seus limites e, ao mesmo tempo, estimulá-la a alcançar o vôo maior da criatividade individual”.

José, Coelho, (2007, p. 91) defendem ainda, que muitas vezes, um disléxico, por ter que se esforçar mais, com o objetivo de aprender e vencer as dificuldades encontradas ao longo de sua vida escolar pode vir a apresentar dores abdominais, na cabeça ou transtornos de comportamento. Isso, porque devido sua lentidão ao ler, escrever, fazer atividades, muitas vezes é julgado como preguiçoso, sem vontade de aprender, injustiça que, se não corrigida a tempo pode agravar suas dificuldades, visto que sem estímulos e com julgamentos ele passa a sofrer muito mais emocionalmente, podendo desenvolver um caso de depressão, considerando que o disléxico já possui em sua personalidade insegurança e baixa apreciação sobre si mesmo, bem como, existem possibilidades de se tornar um indivíduo rebelde.

Com base em (Olivier, 2007, p. 54, 55) para a Psicopedagogia existem três tipos de dislexia: Dislexia Congênita ou Inata, a qual o indivíduo já nasce com o problema. Essa pode ter as mais variadas causas e tem características próprias, como, uma comprovada alteração hemisférica cerebral, onde os hemisférios encontram-se invertidos ou em igualdade ou por alteração em alguns cromossomos. Isso pode fazer com que o indivíduo tenha pouca ou nenhuma aquisição de leitura ou escrita. A segunda é a Dislexia Adquirida, que ocorre por meio de um acidente, sendo ele cérebro-vascular ou por Anoxia. Além desses tipos de dislexia existe ainda a Dislexia Ocasional causada por fatores externos e que aparece ocasionalmente.



### 3.2 UMA VISÃO NEUROPSICOLÓGICA DA DISLEXIA

Segundo a Neuropsicologia<sup>6</sup>, ciência que estuda as relações entre o cérebro e o comportamento, “todas as dislexias, assim como outros distúrbios de aprendizagem, partem de uma lesão, sendo cada tipo em um ponto de cérebro e, a partir daí, o tratamento deverá ser voltado ao controle desta lesão” (OLIVIER, 2007, p. 49).

Partindo de uma definição neuropsicológica, é possível dividir a dislexia como central e periférica. Dentro das Dislexias Centrais temos a Dislexia de Superfície, que Consiste na falha de leitura de palavras irregulares<sup>7</sup>. Para Ellis (1995, p. 26) na língua Inglesa existem alguns exemplos como: HAVE (em que -AVE geralmente é pronunciada com o som de “êive”), PINT (pronunciada como “pêint”).

Temos também, a Dislexia Fonológica, a qual para Olivier (2007, p.47), “Caracteriza-se pela incapacidade de leitura de “não palavras”<sup>8</sup> e habilidade para leitura de palavras reais, sugerindo danos ou lesões na via de conversão de grafema para fonema”. Podemos usar como exemplos de não palavras na Língua Inglesa e colocadas por (ELLIS, 1995, p.32) TEP, MAPE, FEX. Essas palavras não contêm em si significados ou pronúncias, diferentemente de TOP, MADE, FOX, que são palavras familiares.

Ainda com base em (Olivier, 2007, p. 48) encontramos a Dislexia Profunda, que revela características Semelhantes à fonológica, mas com bloqueio para leitura de “não palavras”, porém neste tipo nota-se: “presença de paralexias<sup>9</sup> semânticas e maior facilidade em leitura de palavras concretas e frequentes”.

---

<sup>6</sup> A Neuropsicologia define a dislexia como alterações nos processamentos periféricos e centrais. Sendo assim, as Dislexias Periféricas são causadas por um comprometimento no sistema de análise visuo-perceptiva, enquanto que as centrais são causadas por comprometimento do processamento linguístico dos estímulos (OLIVIER, 2007, p.47).

<sup>7</sup> Entende-se por palavras irregulares àquelas, cuja ortografia e pronúncia divergem moderadamente (ELLIS, 1995, p.26).

<sup>8</sup> Palavras que não contêm em si significados ou pronúncias (ELLIS, 1995, p.32).

<sup>9</sup> Perturbação da leitura caracterizada pela troca de letras ou de palavras de um texto.

### 3.3 SUBDIVISÕES FEITAS NAS DISLEXIAS PERIFÉRICAS

Trataremos ainda neste capítulo das subdivisões da dislexia sugeridas a partir da neuropsicologia. Considerando que, esse distúrbio, assim como outros problemas que afetam a aprendizagem também parte de uma lesão e seu tratamento deve objetivar seu controle. Para Lou de Olivier (2007, p.48), seriam elas: Dislexia Atencional, a qual o indivíduo consegue ler palavras de forma isolada, porém ao tentar ler simultaneamente encontra dificuldades.

Outra forma seria a Dislexia de Negligência, normalmente marcada por ausência ou dificuldade de leitura na área da visão contralateral à lesão cerebral.

E também, a Dislexia Literal ou Pura, que está relacionada a lesões occipital inferiores extensas à esquerda, permite ao indivíduo a leitura de letras individuais, entretanto apresenta dificuldade em ler palavras.

## **4 COMO IDENTIFICAR OS SINTOMAS DA DISLEXIA?**

Em Coelho, José (2007, p.90), a criança disléxica, geralmente tem dificuldades ao aprender a falar, nas brincadeiras como pegar e chutar bola, pular corda e em atividades, como fazer laço nos sapatos e reconhecer as horas. Além disso, dificilmente, escreve números e letras corretamente e distingue esquerda e direita, necessita usar blocos ou anotações para cálculos etc.

A criança com dislexia, geralmente tem dificuldades de pronúncia, de articulação, lentidão para aprender nome das letras ou cores, e esquecimento de coisas simples, como endereço, data de aniversário e falta de concentração em aulas teóricas. Portanto, considerando suas diferenças, torna viável analisar a reação do indivíduo em relação ao processo de alfabetização.

Neste ponto, não se trata de trocar o “p” por “b” e outros absurdos amplamente divulgados como características de dislexia. Deve-se verificar se o indivíduo não consegue identificar qualquer que seja a letra, se confunde letras em geral, se para ele todas as letras parecem a mesma coisa, ou seja, um sinal sem sentido algum.(OLIVIER, 2007, p.67).

Ainda em Olivier (2007), para entender cada tipo de dislexia pode-se analisar os sintomas de acordo com sua intensidade e observar cada caso em questão.

Nesse viés, podemos citar a dislexia Singular/Primária. Nesse caso, a criança apresenta, desde a infância, certo atraso no desenvolvimento da fala e da linguagem e/ou no desenvolvimento visual, assim como, dificuldades em aprender canções, versinhos e logo após o esquecimento de ambos.

Segundo a autora, outra variação da dislexia é a Comum/Correlata, com a presença de problemas de articulação, memória verbal a curto e longo prazos e confusão entre lado direito e esquerdo.

Além das anteriores, temos a Específico-Secundária, na qual o indivíduo apresenta baixo desempenho em compreensão na leitura, dificuldade ou ausência de alfabetização, não identificação de letras, diferentes movimentos nos olhos ao ler ou na tentativa de ler, sendo assim, caracterizada como dislexia Congênita ou Inata.

Com relação a esse distúrbio, a pesquisadora descreve ainda, a Relativa/Artificial, em que ocorrem dificuldades relativas com a atenção e problemas visoespaciais. Conforme relata a autora, esses sintomas são mais comuns na dislexia ocasional ou em outros vários distúrbios.

#### 4.1 ALGUMAS DIFICULDADES APRESENTADAS PELO DISLÉXICO, DESTACADAS PELAS AUTORAS ELISABETE DA ASSUNÇÃO JOSÉ, MARIA TERESA COELHO (2007, P.90-91) E A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA (ABD)

Em conformidade com os autores citados, destacamos que um aluno disléxico pode apresentar lentidão para desenvolver a fala, assim como, para aprender a fazer laços nos sapatos, ao reconhecer as horas, ao pegar e chutar bola, ao pular corda.

Possivelmente, sentirá dificuldades para escrever números e letras corretamente, seguir a ordem do alfabeto, meses do ano, sílabas de palavras extensas, distinguir esquerda e direita.

#### 4.2 O PERFIL DE UM DISLÉXICO PARA OS AUTORES MABEL CONDEMARIN E MARLYS BLOMQUIST (1986 P.22-23).

Para os autores, o sintoma mais marcante que o disléxico pode apresentar é a acumulação e persistência de erros ao ler e escrever. Dentre as características de um portador de dislexia estão: Confusão entre letras, sílabas ou palavras com pouca diferença na escrita: a-o; c-o; e-c; f-t; h-n; i-j; m-n; v-u; Palavras com grafia parecidas, entretanto com diferente orientação no espaço: b-d; b-p; b-q; d-b; d-p; d-q; n-u; w-m; a-e; Pode apresentar desorganização entre letras que são articuladas caracteristicamente iguais, e seus sons também se aproximam: d-t; j-

x; c-g; m-b; m-b-p; v-f. Assim como, troca de sílabas ou palavras de forma parcial ou total: me-em; sol-los; som-mos; sal-las; pal-pla.

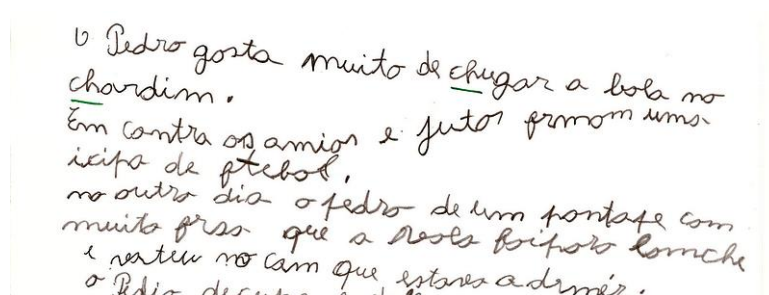
Em se tratando de um aluno com essa síndrome, ao ler pode ocorrer a contaminação de sons. E ainda, o aumento ou perda de sons, sílabas ou palavras: troca de *famoso* por *fama*; *casa* por *casaco*, e duplicação de sílabas, palavras ou frases. Ao escrever possivelmente saltará uma linha, recuará para a linha anterior e perderá a linha ao ler, necessitando de muita atenção ao observá-la.

Condemarin, Blomquist (1986, p.22-23), ressaltam também que um disléxico, na maioria dos casos tem Soletração imperfeita<sup>10</sup>, problemas de compreensão e escrita ilegível.

#### 4.3 EXEMPLOS DE PEQUENOS TEXTOS OU FRASES ESCRITOS POR CRIANÇAS DISLÉXICAS

##### Exemplo 1

9 anos - 3º ano



o Pedro gosta muito de chugar a bola no  
chordim.  
Em contra os amigos e juto<sup>o</sup> formom uma  
icipo de ptebol.  
no outro dia o Pedro de um pontate com  
muito fress que a Reols brifos<sup>o</sup> lomche  
e vestiu no cam que estave a demir.  
o Pedro de...<sup>o</sup>

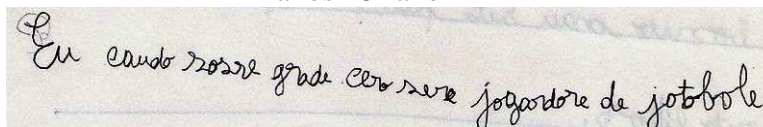
<sup>10</sup> Soletração imperfeita é aquela que o indivíduo reconhece letras isoladas, mas não tem domínio para organizá-la formando palavras, lê sílaba por sílaba, ou dentro do texto, faz a leitura de palavra por palavra.

Texto1: O Pedro gosta muito de jogar bola no jardim. Encontra os amigos e juntos formam uma equipe de futebol. No outro dia, o Pedro deu um pontapé com muita força que a bola foi para longe e bateu no canto que estava o Ademir.

No exemplo 1, percebemos a troca<sup>11</sup> de letras: **j** (jogar) pelas letras **ch** (chugar); **f** (pontapé) pela **p** (pontafe); **ç** (força) pela **s** (forsa); **g** e **n** (longe) pela **m** e **lh** (lomche); **b** (bateu) pela **v** (vateu); e também a omissão de algumas letras: **amigos** (amios); **deu** (de) etc.

### Exemplo 2

11 anos - 5º ano



Eu quando crescer quero ser jogador de futebol.

Na frase acima podemos observar a troca das letras **q, u, n** (**quando**) pelas letras **c, a, u** (**caudo**); Vemos também a troca da palavra (for) pela (sosse); Ao invés de, usar as letras **q, u** para formar a palavra **quero**, ele usa as letras **c, e**, e conseqüentemente forma **cero**; Além disso, adiciona a letra **e** às palavras **ser** (**sere**) e **jogador** (**jogadore**); Na palavra **futebol** troca as letras **f, u, e**, pelas letras **j, o, o**, e adiciona a vogal **e**, formando assim a palavra (**jotobole**).

Os exemplos citados acima revelam algumas características de um disléxico como: confusão entre letras, sílabas ou palavras com pouca diferença na escrita; Confusão entre letras, as quais seus sons se aproximam; Troca de palavras por outras estruturadas semelhantemente, ou invenção de palavras, mas com diferença no significado; Aumento ou perda de sons, sílabas ou palavras.

---

<sup>11</sup> O que acontece com o disléxico é que, na maioria dos casos, ele não identifica sinais gráficos, letras ou qualquer código que caracterize um texto. Portanto, ele não troca letras, porque seu cérebro sequer identifica o que seja uma letra (OLIVIER, 2007, p. 56). Sendo assim, o termo "troca" é usado nos exemplos apenas para explicar as dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem do disléxico (Grifo nosso).

#### 4.3 ALGUMAS SUGESTÕES PARA AJUDAR UM DISLÉXICO NA ESCOLA NA VISÃO DAS AUTORAS ELISABETE DA ASSUNÇÃO JOSÉ, MARIA TERESA COELHO (2007, P. 101-104).

Ao diagnosticar um aluno disléxico, é importante explicar a ele quais são seus problemas, pois é melhor que ele compreenda o que está acontecendo, uma vez que já possa sentir que algo está diferente. Ao mesmo tempo deve-se estimular para que ele se sinta mais confiante e não se sinta incapaz quando demora ou não consegue cumprir certas atividades como seus colegas.

Outra forma simples e positiva de se dirigir a esse aluno é sentando ao seu lado para ensinar as atividades, transferindo igualdade e segurança a ele.

O professor não deve forçar o aluno a fazer a lição; nem sempre ele estará disposto a participar das atividades rotineiras, todavia pode ser oferecido jogos ou alguma dinâmica.

Portanto, ao relacionar-se com seu aluno disléxico, o professor deve tratá-lo com a máxima dedicação e com muito incentivo à sua criatividade. Ideal seria implantar classes específicas para estes alunos (OLIVIER, p. 71).

José, Coelho (2007, p. 101-104), argumentam que o professor, como auxiliador de seu aluno precisa identificar áreas de interesse dele; O ideal ao se deparar com determinado desinteresse é oferecer diferentes materiais. E ainda, apresentar livros que desperte seu interesse, objetivando prender sua atenção.

Além da contribuição do professor, é de extrema importância a ajuda aos pais nas tarefas de casa; a colaboração na explicação das atividades para casa evita confusão ao executá-las, pois o aluno pode esquecer as instruções dadas pelo professor.

## 5. AÇÕES PEDAGÓGICAS NO AUXÍLIO AO DISLÉXICO

Pensando no melhor aprendizado do aluno, criam-se formas diferentes, ou até mesmo individualizadas para atender seus requisitos. O disléxico, por ser especial necessita de atividades diferenciadas para desenvolver suas habilidades e atingir objetivos. Fonseca (1995) afirma que:

A aprendizagem sequencializada e individualizada, baseada na escala de desenvolvimento apresentada, oferece um currículo e um programa educacional desde o nascimento à adolescência. Através dela podemos implementar programas de uma forma sistematizada e estruturada, oferecendo alternativas de estimulação e de modificabilidade de comportamentos encadeados ( formados e transformados) por aproximações sucessivas de dificuldade e problemas. Aplicando a análise de tarefas e a planificação de objetivos de acordo com o potencial de aprendizagem identificado na criança, podem-se produzir efeitos imprevisíveis em termos de aprendizagem. A aprendizagem é possível, a criança com dificuldades não é um ser fixo e imutável. A otimização da aprendizagem da criança subentende a otimização dos recursos humanos e didáticos dos sistemas de intervenção terapêutica ou de ensino (FONSECA, 1995, p. 107).

Além do trabalho realizado em sala de aula, como já foi citada anteriormente, a colaboração dos pais é crucial para o bom desempenho desse aluno.

“Há que envolver os pais no processo de integração, visto que são os primeiros agentes da intervenção educacional. É recomendável que os pais sejam vistos como co-terapeutas, como primeiros educadores por excelência. A sua ação obviamente coadjuvada por educadores e por especialistas, em equipes multidisciplinares, deve constituir um dos primeiros objetivos de um programa de integração. O esclarecimento, as informações, as atitudes e inclusive a demonstração prática de meios de reabilitação [...] (FONSECA, 1995, p. 56).

Oliver (2007, p. 65), defende que, normalmente, o disléxico deverá passar por um reforço na alfabetização ou, por uma verdadeira mudança no processo de alfabetização. Segundo a autora, é recomendável a prática de esportes para desenvolvimento da coordenação motora, raciocínio e agilidade. Também as atividades artísticas são benéficas, como: o balé clássico e o teatro. Portanto, compreende-se que o aluno disléxico não é incapaz de aprender, apenas faz isso de uma forma diferente, muitas vezes requerendo mais esforço e atenção.



## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A dislexia é um problema que pode prejudicar a aprendizagem da escrita e leitura do aluno, porém com o diagnóstico precoce e providências necessárias, esse distúrbio não impede que o portador desenvolva suas habilidades.

A melhor forma de tratar a dislexia é após diagnosticar os primeiros sintomas, encaminhar o indivíduo para um profissional competente, o qual irá dizer quais as providências a serem tomadas. Isso porque cada tratamento tem que ser adaptado ao tipo de paciente. Tratamento que pode ser com práticas ou intervenções de medicamentos.

Vale lembrar a importância da parceria entre pais e professores atentos, pois quanto mais rápido o diagnóstico e o início do tratamento, melhores serão os resultados.

As atividades, propostas pelo professor somarão total diferença, assim como também é importante à forma como o educador se relaciona com esse aluno. Todo incentivo dado à sua aprendizagem, muito contribui para seu rendimento. É importante ressaltar que, apesar de algumas características da dislexia se manifestar da mesma forma, sua intensidade pode variar, sendo assim nem todos os disléxicos reagirão com mesmos resultados nas atividades. Por isso, a atenção deve ser individualizada, disposta a atender as dificuldades de cada um.

Sendo assim, a partir das dificuldades constatadas pelo professor juntamente com o pedagogo, psicólogo e diretor, o aluno deverá ser encaminhado para um tratamento específico. Portanto, o aluno disléxico deve ser tratado de forma individual, com estímulos na realização de atividades, todavia é sempre importante respeitar seus limites.

## 7. REFERÊNCIAS

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário Escolar**: Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia Manual de leitura corretiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ELLIS, Andrew W; **Leitura, escrita e dislexia**: uma análise cognitiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, Vitor da. Educação Especial: programa de estimulação precoce- uma introdução às ideias de Feurstein. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

JOSÉ, Assunção da Elisabete; COELHO, Teresa Maria. Problemas de Aprendizagem. São Paulo: Ática, 2007.

MASSI, Giselle. A dislexia em questão. São Paulo: Plexus editora, 2007.

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil**: História e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 1996.

OLIVIER, Lou. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.

SOUZA, Cristiane da Silva do Nascimento de. **Entendendo a Dislexia na Prática**: Da Identificação ao Tratamento. Clube de Autores. 2013. Disponível em <<http://books.google.com.br/books?id=9GFtPxs7PsIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em 10/11/2013.

<<http://www.dislexia-pt.com/exemplos.htm>> Acesso em 09/06/2013.

<<http://www.dislexia.org.br/>> Acesso em 10/11/2013.

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=perinatal>> Acesso em 10/06/2013.

<<http://www.dicio.com.br/paralexia/>> Acesso em 01/07/2013.

## **AS DIFICULDADES DE LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFESSORES PARA MITIGÁ-LAS**

Bianca Smiderle Schade<sup>12</sup>  
Máris-Anandréia dos Santos<sup>1</sup>  
Tiessa Luíza de Oliveira Loureiro Leão<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este estudo teve por objetivo compreender quais são os desafios enfrentados pelos alunos e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental I para a aquisição do processo da leitura e escrita. Para a elaboração deste estudo foi utilizada a pesquisa bibliográfica e descritiva exploratória e também um estudo de caso em uma escola pública do município da Serra/ES, onde foi utilizado um questionário que foi aplicado sob forma de entrevista aos três

---

<sup>12</sup>Graduandas do Curso de Pedagogia da Multivix - Serra

professores que lecionam no 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental I. Os dados da pesquisa permitiram concluir que todas as professoras entrevistadas trabalham com alunos que apresentam dificuldades na aquisição da leitura e da escrita. As dificuldades por parte do aluno ocorrem devido à resistência e desinteresse dos mesmos, assim como, a ausência dos pais na escola. Constatou-se também que os professores procuram uma forma de solucionar o problema da dificuldade, buscando assim as intervenções necessárias e adequadas para melhor atender esses alunos.

**Palavras-chave:** Leitura e Escrita; Dificuldades; Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This study aimed to understand what the challenges faced by students and teachers in the early years of elementary school for the acquisition process of Reading and writing are. In order to elaborate this study, an exploratory bibliographic and descriptive survey was used and also a case study in a public school in the municipality of Serra/ES, where a questionnaire was administered as an interview to the three teachers who teach in the 1º, 2º and 3º year of Primary Education. The survey data allowed to conclude that all teachers interviewed work with students that present difficulties in the acquisition of reading and writing. The difficulties, regarding the student, occur due to the resistance and lack of interest of students as well as the absence of parents at school. It was also found that teachers look for a way to resolve the problem of difficulty seeking, therefore, the necessary and appropriate interventions to better serve these students.

**Keywords:** Reading and Writing; Difficulties; Learning.

## **1. INTRODUÇÃO**

Aprender e ensinar a ler e escrever são desafios presentes no cotidiano escolar, esses desafios vêm causando um índice elevado de insucesso na alfabetização. Tem-se o conhecimento de que a criança quando ingressa na escola, traz consigo toda a ansiedade dos pais em vê-las lendo e escrevendo o mais rápido possível. E, muitas vezes este processo não acontece tão rápido quanto o esperado, trazendo assim certa frustração não só para os pais, mas também para a criança que acaba sendo rotulada de indisciplinada, sem concentração, incapazes e que não querem nada.

Dessa forma o interesse por essa pesquisa esse tema surgiu no período de estágio, onde se constatou que muitas crianças apresentam dificuldades em aprender a ler. Pois na maioria das

vezes, é na escola que é possível detectar as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos.

Ao observar o contexto atual é difícil fugir da realidade que a alfabetização nas séries iniciais tem sido um problema que é enfrentado por muitos professores desde o passado, onde se seguia um método tradicional de ensino. Nos últimos anos a escola tem trazido para dentro das salas de aula novos modelos de ensino (métodos), porém mesmo assim não se tem resolvido o problema em questão. A preocupação principal do professor que trabalha com o método é ensinar o certo e para isso que ele se esforça nas situações diárias, o erro esta sempre presente e é fonte de análise e de tomada de decisões. De maneira geral, o erro mostra que o aluno não dominou algum conhecimento. A criança com dificuldade para aprender o erro e entendido como fracasso.

Nesse sentido este estudo tem como objetivo identificar quais fatores que interferem na aprendizagem da leitura e escrita pelo aluno e conhecer as práticas de alfabetização usadas pelos professores na escola pesquisada.

A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa com caráter descritivo, referenciada na pesquisa bibliográfica e no estudo de caso que foi realizado junto ao grupo de professores das classes do Ensino Fundamental I.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram documentos da escola tais como o Projeto Político Pedagógico e optou-se pelo estudo de caso, onde foi aplicado questionário aos três professores que lecionam do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.

## **2 A APRENDIZAGEM DA LEITURA**

A aprendizagem da leitura constitui uma relação simbólica entre o que se ouve e diz, com o que se vê e lê. A leitura deve ser vista, igualmente, como um fenômeno duplo que envolve o compreender e a compreensão. É necessário fazer uma distinção entre ler e aprender a ler. Ler é estabelecer uma comunicação com textos impressos, por meio da busca da compreensão.

A aprendizagem da leitura constitui uma tarefa permanente que se enriquece com novas habilidades na medida em que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano da vida escolar. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a escolaridade e de toda a vida. (ZILBERMAN, 1988, p.13).

Segundo Ferreiro e Teberosky (1991, p.26), as crianças, antes da sua entrada para a escola, já têm construções mentais sobre a leitura e a escrita, e não se limitam a receber passivamente os conhecimentos. De acordo com as autoras, a criança que chega à escola já é um "bom" leitor do mundo. Desde muito nova começa a observar, a antecipar, a interpretar e a interagir, dando significado aos seres, objetos e situações que a rodeiam. Ela utiliza estas mesmas estratégias de busca de sentido para compreender o mundo letrado.

Ainda para Ferreiro e Teberosky (1991), essa aprendizagem natural da leitura deve ser considerada pelo professor e incorporada às suas estratégias de ensino, com o fim de melhorar a qualidade desse processo contínuo iniciado no momento em que a criança é capaz de captar e atribuir significado às coisas do mundo. Assim, a ação de ler o mundo se enriquecerá na medida em que a criança começa a ler variados textos.

O trabalho de leitura, na escola, tem por objetivo levar o aluno à análise e à compreensão das ideias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentido. É muito importante que o leitor se envolva se emocione e adquira uma visão dos vários materiais portadores de mensagem presentes na comunidade em que vive. (ZILBERMAN, 1988, p.18).

O trabalho pedagógico com a leitura deve ser pensado como um meio de tornar leitores produtores de sentido e não recitadores de texto.

## 2.1 O PAPEL DO PROFESSOR NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

A escola, na figura do professor, tem um papel fundamental para a criança na aquisição da escrita e da leitura, porque é ele quem irá criar condições, através das práticas pedagógicas, para que ela descubra por si mesma a natureza fonética da escrita. A sua postura de aceitação, diante das primeiras escritas das crianças, diante do que a lógica adulta considera como erro, é

que transmitirá a criança, confiança para superar os obstáculos que surgem durante o seu desenvolvimento. Nesse aspecto, o papel do professor segundo Rosa (1994, p.44),

[...] é concebido como orientador, facilitador do processo de aprendizagem, possibilitador de situações de conflitos cognitivos e desequilíbrios. Portanto, se o processo de aprendizagem se desencadeia a partir de situações de desequilíbrio, conflito ou necessidade, concluímos, a partir dessa premissa, que o papel do professor seja o de desestabilizar o aluno, desafiando-o, instigando-o à dúvida e questionando-o em suas certezas hipotéticas.

Estudos de autores mostram que a aprendizagem da leitura não acontece de qualquer forma, pois ela é um processo interativo que acontece entre professor e aluno. E, de acordo com Zilberman (1993), aprendizagem da leitura na sala de aula está relacionada com técnicas e acaba perdendo o foco do aprender a ler. E, na concepção de Orlandi (1988) muitas vezes a aprendizagem da leitura acaba se tornando uma prática onde o aluno perde o desejo de aprender a ler. A autora ainda relata que muitas vezes, o professor na sala de aula deve levar em conta a relação entre leitor e conhecimento, ou melhor, leitor-texto-autor. A interação leitor-texto-autor é mediada pelo professor, que, por sua própria vontade (desejo, ideologia), define a leitura que o aluno deve fazer. O saber e os objetivos do professor são dominantes em relação ao saber e os objetivos do aluno que, muitas vezes, não se reconhece como sujeito na leitura que o professor determina, porque nem sempre faz parte de suas experiências nem se identifica com a sua realidade.

Estudos de diversos autores mostram que a escola quer a leitura na sala de aula e neste contexto o professor atua como elemento mediador entre leitores e materiais de leitura e também atua nos limites do estímulo e do desestímulo da leitura e não se pode descartar o importante fato de os alunos pertencerem a um meio onde se valoriza a leitura e se estimula a sua prática.

Mas nem sempre o aluno gosta de ler e é nesse momento que o professor atua, pois cabe a ele oferecer aos alunos diversas formas de materiais de leitura presente em seu meio social. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, p.30), “cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.”

Os parâmetros enfatizam, na leitura escolar, a necessidade da diversidade textual e a necessidade de contemplar-se o universo social do aluno na seleção de textos, como por exemplo, os jornais, revistas, quadrinhos, receitas culinárias, histórias infanto-juvenis, dentre outros.

A autora Charmeux (1994, p.10) ainda relata que,

Contrariamente ao que às vezes se diz, nossa época é por excelência o tempo do escrito. Nenhuma tarefa, hoje, pode ser levada a bom termo sem o recurso ao escrito. Quer se trate de tarefas profissionais, de tarefas ligadas à vida cotidiana, de atividades de lazer ou de deveres do cidadão, é necessário antes de mais nada ler e muito frequentemente escrever. E todos aqueles que se desencorajam com essas atividades se acham condenados à dependência, ficam marginalizados, e tornam-se presas fáceis de todas as formas de manipulação e mesmo de opressão. Com o prodigioso desenvolvimento de novas técnicas, esta tendência certamente se ampliará, resultando diretamente numa sociedade na qual os que sabem ler terão sob seu poder aqueles que não sabem os que se deixarão se distanciar - ou que a sociedade distanciará - pelo conhecimento.

De acordo com a autora saber ler e escrever não são um simples problema de alfabetização, as crianças precisam ler, mas, sobretudo entender o que leem. Devem estar conscientes da necessidade do saber interpretar imagens, números e letras. A participação dessas crianças na sociedade depende do conhecimento adquirido e da forma de comunicação, por essas e outras razões é fundamental ler e escrever bem.

O conjunto de imagens, números e letras devem dar a criança condições de analisar, sintetizar e interpretar dados e fatos. A responsabilidade pela formação das crianças é do professor e o mesmo deve oferecer condições para que elas possam aprender a defender seus interesses, solucionar problemas argumentar e atuar como cidadãos críticos e capazes.

Para Charmeux (1994), a leitura e interpretação de números e imagens deverão ser trabalhadas de tal forma que as crianças questionem a veracidade das questões expostas através dos meios de comunicação.

É necessário que as crianças entendam essas linguagens para adquirir novos conhecimentos, valores morais e éticas. Assim, cabe ao professor oportunizar as informações que se nos apresentam diferentes veículos de comunicação. Outro aspecto importante que deve ser considerado é a oportunidade das crianças a trabalharem em equipe, associar-se a um



objetivo, expor e negociar suas ideias, argumentar e acreditar no seu potencial, assumindo responsabilidades.

Além disso, é preciso desenvolver no aluno as habilidades para a leitura e escrita, e esta é uma responsabilidade coletiva. Os fracassos dos ensinamentos muitas vezes estão nas diferentes formas de avaliação. Voltadas muitas vezes para atender as expectativas do educador e não as necessidades do aluno. Essa realidade se faz sentir quando a sociedade faz a sua avaliação. A criança começa a perceber a importância da comunicação, da leitura e da escrita na interpretação das diversas linguagens. Nesse aspecto Charmeux (1994, p.89) ainda afirma que,

Podemos [...] dizer que, sem situações 'verdadeiras' de leitura, nenhuma aprendizagem durável e adaptável pode ocorrer. Ora, numa situação efetiva, é necessário que reflitamos para construir o sentido, e para isso não podemos confiar em nenhum outro mecanismo. É preciso ter um projeto de leitura e saber relacionar esse projeto ao objeto portador de texto, à sua função social e às informações que ele contém. Em resumo, é preciso ter uma atitude de pesquisa inteligente. É uma atitude desse tipo que importa adquirir de início, como uma 'primeira higiene' de toda conduta de leitura.

Mediante tal situação, pode-se dizer que é necessário o trabalho do professor voltado para a aprendizagem do aluno em relação à aprendizagem da leitura e da escrita.

## 2.2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A LEITURA

De acordo com Teberosky (1993), as dificuldades para a difusão de uma experiência pedagógica poderiam ser explicadas pela complexidade dos processos envolvidos: processos de aprendizagem por parte dos alunos, situações de ensino-aprendizagem em sala de aula, processos de aprendizagem e reflexão por parte dos professores.

Uma dessas situações está relacionada com a experiência pedagógica de ensino aprendizagem da leitura. Pois, a busca por um método para ensinar uma criança a ler sempre esteve presente na história da alfabetização. De acordo com Soares (1991), na década de 1950 a 1970, a preocupação acadêmica, bem como a prática cotidiana, era a busca pelo melhor método. E somente a partir dos resultados das pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1991), a Psicogênese da Língua Escrita, é que a busca pelos métodos começa a ser questionada.

Rosa (1994, p.42) ainda afirma que,

A busca por um método entre os professores não passa de uma ilusão, algo estéril, pois é fantasioso pensar que, ao apropriar-se de uma técnica ou de um guia prático de procedimentos de ensino haverá aí uma milagrosa fórmula de ensino.

A mesma autora ainda relata que,

Um corpo[...] sem vida é apenas um cadáver. A técnica é isso: um corpo sem vida. A finalidade da educação é a sua vida [...] é preciso, pois, começar pelos fins e isto, exige [...] recuperar a dimensão filosófica da educação. Dessa forma, torna-se importante refletir sobre que sociedade queremos ajudar a construir e que tipo de homem queremos formar, e assim, voltarmos a prática pedagógica no sentido de alcançar tais objetivos (ROSA, 1994, p.42).

Ferreiro e Teberosky (1991, p.29) ressaltam que a concepção de aprendizagem inerente à psicologia genética pressupõe a existência de processos de aprendizagem do sujeito que não dependem do uso de métodos, pois tais processos de aprendizagem passam através dos métodos. As autoras (, p.30) ainda afirmam que:

O método (enquanto ação específica do meio) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém não criar aprendizagem. A obtenção do conhecimento já é um resultado da própria atividade do sujeito. E que nesse sentido os métodos não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento (FERREIRO; TEBEROSKY 1991, p. 30).

No entanto, a aquisição da lecto-escrita não está associada à utilização de um método de alfabetização, mas à atividade cognitiva do próprio sujeito que aprende. Para tal, a autora alerta que não é qualquer atividade que define a atividade intelectual, tampouco qualquer conflito que permite o progresso do conhecimento. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, p.31)

De acordo com Teberosky (1987), a criança de pré-escola já tem uma série de conhecimentos adquiridos, entre eles, o conhecimento linguístico o qual compreende a capacidade sintática e a capacidade discursiva. Dentre os conhecimentos que a criança adquire antes da escolaridade e o que adquire durante os primeiros anos de escolarização, fica constatada sua capacidade precoce para a leitura e a escrita sempre que:

- Aceitar como escrita as escritas pré-silábicas;

- Aceitar também como leitura as leituras de simulação de atividade de ler textos memorizados.

Ferreiro (1991) distingue os aprendizados envolvidos no processo de alfabetização em:

- a) o aprendizado de convenções fixas, externas aos sistemas de escrita; onde se inclui a direção da escrita, as formas e o tipo de letras e os sinais de pontuação.
- b) o aprendizado sobre a maneira de representar a linguagem, o que define o sistema alfabético, onde se inclui as regras do sistema de representação, que estão baseadas nas propriedades da linguagem e decidem quais prioridades e relações serão retidas na representação.

Segundo os estudos realizados por Ferreiro (1991) é durante a escolarização (entre 5 e 6 anos) é que se aprendem as regras de representação do sistema alfabético. E de acordo com Ferreiro (1982) essas etapas foram descritas nos seguintes termos:

- a) Pré-silábica: A criança ainda não sabe que a escrita pode representar a fala;
- b) Silábica: as hipóteses da criança não têm valor sonoro. Já atribui valor sonoro às letras, mas ainda deve descobrir que não basta uma única letra para cada emissão sonora.
- c) Silábica-alfabética: A criança escreve partes da palavra com uma letra só para cada emissão sonora e duas ou mais letras para outras.
- d) Alfabética: A criança atribui valor sonoro às sílabas; nessa fase, a escrita é mais próxima da linguagem convencional.

Em relação às situações de ensino aprendizagem em sala de aula, o professor deve planejar atividades que atendam as necessidades das crianças, reconhecendo que cada uma aprende de maneira diferente e para tal requer planejamento de atividades que levam em conta alguns fatores pedagógicos tais como: a necessidade de avaliar a situação do grupo-classe antes da realização das atividades; as condições sociais (composição dos grupos, caracterização de seus membros etc.); as condições materiais (tipo de material com que se trabalha); condições ambientais (local em que se realiza); atividades que permitam uma realização coletiva (TEBEROSKY, 1987).

Sabe-se que a criança pode aprender com seus companheiros e que todos podem contribuir para a mútua alfabetização, por isso incentiva-se o trabalho em grupo.

Quanto aos processos de aprendizagem e a reflexão por parte dos professores, acredita-se que todas as atividades realizadas em sala de aula requerem intervenção por parte do professor. E a partir dessa intervenção que o mesmo reflete sobre sua prática pedagógica e determina novas estratégias de ensino aprendizagem.

Do ponto de vista pedagógico, isso mostra a necessidade de adequação da prática de ensino à aprendizagem da leitura e da escrita. Isso, portanto, depende fundamentalmente da capacidade dos professores para tornar acessível a linguagem das crianças com diferenças individuais que afetam diversos aspectos; idade, ambiente familiar e cultural, experiência prévia, língua familiar e cultural, nível cognitivo de desenvolvimento.

Para Ferreiro e Teberosky (1991), as dificuldades encontradas no processo de aquisição de leitura e de escrita são fatores que interferem na aprendizagem do aluno. As autoras ainda relatam que a aprendizagem da leitura e da escrita, entendida como questionamento a respeito de sua natureza e de sua função se propõem a resolver problemas e tratam de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS METODOLOGIAS UTILIZADAS PELO PROFESSOR NA APRENDIZAGEM DA LEITURA

Estudos recentes mostram que não basta só aprimorar as técnicas de ensino para ministrar para uma boa aula, existem outros requisitos que são considerados importantes tais como: o conhecimento do conteúdo em questão, a reflexão permanente sobre a prática docente e o bom relacionamento com os alunos. Conhecer o conteúdo significa uma compreensão dinâmica dos conceitos principais de sua disciplina, suas relações com outras disciplinas, sua contextualização histórica, suas aplicações.

Por outro lado, a técnica relaciona-se com o momento pedagógico correto e com as convicções pedagógicas pessoais dos professores. E, de acordo com Zilberman (1988), não adianta aplicar determinada técnica só porque outros professores estão utilizando, é necessário que se encontre o porquê da escolha e que o professor sinta-se seguro para aplicá-la. Mas também é preciso levar em consideração a maturidade dos alunos, se eles vão se adaptar a tal técnica.

O professor deve planejar situações de aprendizagem que envolva atividades que possibilitem ao aluno analisar e ter conhecimentos prévios, culturais e linguísticos para utilizar suas estratégias de leitura, onde o mesmo possa interagir frequentemente com textos variados.

De acordo com Brown (apud ZILBERMAN, 1988) as atividades de leitura dos textos de uso social devem cumprir as seguintes funções:

- Resolver problemas práticos;
- Informar-se a respeito do tema de interesse;
- Ampliar o conhecimento a respeito de um tema;
- Encontrar resposta a questões específicas;
- Proporcionar prazer;
- Comunicar um texto a um grupo de ouvintes.

O professor também pode propor atividades de leitura (compartilhada, individual ou em duplas) desde o início da alfabetização, e nesse aspecto, Ferreiro considera a alfabetização um processo e para ela, esse processo tem início bem cedo e não termina nunca e nós não somos igualmente alfabetizados para qualquer situação de uso da língua escrita, temos mais facilidade para ler determinados textos e evitamos outros. O conceito também muda de acordo com as épocas, a cultura e a chegada da tecnologia (Revista Nova Escola, maio 2003, p. 28).

#### 2.4 AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E NA ESCRITA

Dentro de uma perspectiva orgânica, as dificuldades na aprendizagem são entendidas de acordo com Correia e Martins (2000), como desordens neurológicas que interferem com a recepção, integração ou expressão de informação, caracterizando-se em geral por uma deficiência acentuada entre o potencial estimado do aluno e a sua realização escolar.

Já dentro da perspectiva orgânica, Correia e Martins (2000, p. 6) relatam que “as dificuldades de aprendizagem refletem uma incapacidade ou impedimento para a aprendizagem da leitura, da escrita, ou do cálculo ou para a aquisição de aptidões sociais”.

Segundo Correia e Martins (2000), o termo dificuldades de aprendizagem surgiu em 1962 com o objetivo de compreender a situação problemática de aprendizagem no contexto escolar.

Para Smith (*apud* LIMA, 2006, p. 3), a dificuldade de aprendizagem é conceituada como “problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações”

De acordo com Lima (2006), as dificuldades de aprendizagem, em alguns casos podem estar relacionadas com a hiperatividade, fraco alcance de atenção, dificuldade para seguir instruções, imaturidade, dentre outras. Nesse sentido, pode-se assim dizer, que as dificuldades de aprendizagem referem-se às situações difíceis enfrentadas pela criança normal e pela criança com desvio do quadro normal, mas com expectativa de aprendizagem a longo prazo (alunos repetentes) e até mesmo pode-se dizer que são problemas que alguns alunos enfrentam, resultando ou não do acompanhamento regular do processo escolar.

Drouet (2003) procurou estudar algumas causas de dificuldades de aprendizagem e de ajustamento escolar, relacionadas a causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, intelectuais ou cognitivas, educacionais, socioeconômicas, que todas juntas originam distúrbios que causam diferentes problemas de aprendizagem.

Geralmente as crianças com problemas escolares podem apresentar uma disfunção cerebral mínima e associada a esse caso, ela pode apresentar certas dificuldades, de acordo com Drouet (2003) como:

a) Dislexia: é um distúrbio de aprendizagem que atinge as crianças com dificuldades específicas em leitura e escrita. Elas não são capazes de ler com a mesma facilidade que os colegas. Em relação à leitura, a criança pode apresentar um atraso geral de leitura, um atraso específico de leitura ou dificuldades de compreensão.

Nas dificuldades de ortografia podem apresentar atraso de leitura e ortografia ou apenas atraso de ortografia. No caso da criança com dislexia, a dificuldade de leitura persiste até a idade adulta. E essa dificuldade pode aparecer em qualquer idade.

Na dislexia é comum encontrar alguns erros na leitura e na escrita e dentre estes, pode-se citar alguns casos como:

- Confusão de letras, sílabas ou palavras com pequenas diferenças de grafias: a/o, c/o, e/f e outros;
- Confusão de letras, sílabas ou palavras com grafia semelhante como b/d, p/b, b/q e outros;
- Confusão de letras que possuem sons iguais, como b/d, p/q, d/t e outros;
- Leitura do texto palavra por palavra;
- Letra ilegível;
- Adição ou omissão de letras;
- Problemas de compreensão do texto.

Douet (2003, p. 156) cita algumas sugestões para ajudar a criança disléxica na escola. De acordo com a autora, o professor pode conversar com a criança sobre o problema, não forçá-la a fazer a lição do dia, não pressioná-la quanto ao tempo, estimular e elogiar sempre que possível, procurar leituras que são de seu agrado e evitar anotar todos os erros que ela comete.

b) Disortografia. A criança é considerada incapaz de apresentar uma escrita correta, não faz o uso adequado dos símbolos. A criança pode juntar palavras, como por exemplo, quero mais (quero mais), vou levar (vou levar); acrescentar sílabas repetidas, escrever boneca, em vez de boneca. Pode trocar letras, escrever lutar em vez de pagar; omitir letras como escrever socorrer em vez de socorrer.

A criança também pode apresentar falhas no traçado das letras, quanto ao tamanho, omitir detalhes como cedilhas, pingo no i e outros.

### **3 METODOLOGIA**

Este estudo baseia-se em uma pesquisa qualitativa com caráter descritivo do problema, sendo referenciada na pesquisa bibliográfica e no estudo de caso sobre a aquisição da leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental: desafios e possibilidades.

Considerando a natureza deste estudo foi imprescindível na consulta às fontes bibliográficas, bem como nas citações de suas principais conclusões, procurar envolver os estudos já realizados por outros autores.

A princípio, esta pesquisa utilizou um questionário como instrumento de investigação, o qual foi aplicado aos 03 professores que lecionam nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O principal propósito desse estudo foi compreender quais são os desafios enfrentados pelos alunos e professores das séries iniciais para a aquisição deste processo da leitura e escrita.

O campo escolhido foi uma escola pública e estadual e os sujeitos da pesquisa foram 03 (três) professoras que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental I.

O questionário foi entregue aos professores com a intenção de compreender quais são os desafios enfrentados pelos alunos e professores das séries iniciais para a aquisição deste processo da leitura e escrita, tendo como finalidade obter informações que venham colaborar com a questão da pesquisa, bem como responder os objetivos propostos neste estudo.

O primeiro contato com os sujeitos da pesquisa ocorreu em abril de 2013, mediante agendamento para apresentação da pesquisa e autorização para aplicação e divulgação do questionário respondido.

O segundo contato ocorreu na primeira quinzena do mês de maio de 2013, na escola, para a entrega e aplicação dos questionários aos professores que foram devolvidos assim que foram respondidos para serem analisados.

Conforme já mencionado anteriormente neste estudo, o questionário foi entregue para três professoras, que atuam na 2ª, 3ª e 4ª série do ensino fundamental.

A professora A atua há 23 (vinte e três anos) como regente de sala de aula e é habilitada para exercer a função, possui o curso de pedagogia e pós-graduação na área da educação. A professora B atua há 17 (dezesete anos) e a professora C atua há 10 (dez anos) como regentes de sala de aula e também são habilitadas para exercer a função.



Mediante aos desafios que são constantes no dia a dia do professor é mais do que fundamental a formação de professores através de uma formação continuada, em serviço, mas também em cursos de Pedagogia e de pós-graduação. O tempo de serviço também é um fator importante, pois, através da experiência que o professor adquire ao longo dos anos, ele pode aprimorar cada vez mais o seu conhecimento e lidar com os desafios que surgem no decorrer da sua profissão.

Foi perguntado para as professoras o que elas fazem quando descobrem que em sua turma um aluno apresenta dificuldade na leitura e na escrita. Tanto a professora A como a B disseram que procuram trabalhar um plano diferenciado, além das atividades rotineiras trabalhadas com a turma e ainda procuram dar suporte ao aluno com textos, produção de texto e outros.

Já a professora C relata que procura identificar qual é a dificuldade que o aluno tem em relação à leitura e na escrita e quando percebe que ele não consegue ler ou escrever, ela coloca este aluno para sentar na frente, mais perto da sua mesa e procura acompanhá-lo melhor.

Nota-se que todas as professoras se empenham em tentar ajudar o aluno que apresenta dificuldade na leitura. As formas de ajudar são diferenciadas e percebe-se o esforço das professoras envolvidas.

No entanto, na opinião de Fonseca (*apud* Pérsio, 2013), os professores precisam rever os métodos de ensino e adaptá-los quando necessário. Além disso, é preciso estar atentos às dificuldades de aprendizagem desses alunos e se for o caso deve ser diagnosticado e tratado devidamente por um profissional competente e também buscar o apoio da família.

Em seguida foi perguntado para as professoras sobre os recursos didáticos que elas utilizam para trabalhar com aluno que apresenta dificuldade na leitura e na escrita. A professora A respondeu que utiliza atividades diferenciadas. A professora B diz que utiliza cartazes, caderno de reforço, livros de histórias infantis e jornais. E, a professora C diz que procura dividir a aula em dois tempos: no primeiro tempo ela procura fazer um momento de leitura individual e silenciosa, onde cada um lê o que é de seu interesse, e a outra metade da aula trabalha com produção de textos e conteúdos.

Percebe-se que as professoras têm procurado trabalhar a dificuldade da leitura e da escrita de forma que motive e desperte o interesse do aluno. Nesse aspecto, é importante que o professor tenha em mente, objetivos e metas definidos e também reflita sobre a sua ação educativa.

Em seus estudos, Pérsio (2013) sugere algumas atividades para se trabalhar em sala de aula com o aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem, uma dessas sugestões se diz respeito ao trabalho com a psicomotricidade, pré-escrita, esquema corporal e não deve exigir que o aluno aprenda tudo de uma vez. A outra sugestão se refere a parte da cognição que inclui memória, audição, percepção, atenção, linguagem e compreensão da leitura. A autora ainda diz que “O professor deve trabalhar estas atividades de forma clara e objetiva, facilitando a compreensão da criança e seu desenvolvimento” (PÉRSIO, 2013, p. 11).

Foi questionado às professoras sobre as dificuldades que encontram no processo de ensino e aprendizagem. Pelas respostas dadas por elas, constatou-se que a maioria atribui às dificuldades à resistência e desinteresse do próprio aluno, que diz que “não consegue aprender”, e ao desinteresse dos pais, que são solicitados para comparecer a escola para conversar sobre a dificuldade do filho e muitos não comparecem.

Falar que o aluno não aprende não basta, sempre existe o porquê desse aluno não aprender. Conforme já apresentado nesse estudo, é preciso que o professor motive seus alunos para que a aprendizagem ocorra. Os pais também são responsáveis pela aprendizagem do seu filho. Nesse aspecto é preciso que o aluno, professor e pais estejam em sintonia, cada um desempenhando a sua parte. Ou seja, o professor ajuda o aluno e esse deve ser auxiliado em casa pela família em suas atividades de casa.

No entanto, ainda em relação a esse assunto, Corrêa (JÚNIOR; ALVES; SILVA, 2012, p. 4) relata que:

Pesquisas sobre as representações que os professores têm do fracasso escolar denunciam que eles estão convencidos de que o problema é do aluno e da sua família". Transferindo assim a culpa de todo fracasso dos alunos para fatores externos à escola. Ao invés de tentar juntamente com a família solucionar essas dificuldades dando aos alunos oportunidade de reconstruir-se como autores de seu próprio aprendizado.

Isso mostra que tanto o ambiente escolar quanto familiar exerce influência na aprendizagem do aluno e concorda-se com Lima (2006), quando esta diz que “[...] embora as dificuldades de

aprendizagem sejam consideradas condições permanentes, elas podem ser melhoradas, fazendo-se mudanças em casa e no programa educacional da criança”.

Questionou-se às professoras sobre os métodos didáticos utilizados para lidar com a dificuldade do aluno na aquisição da leitura e da escrita. As professoras responderam que utilizam métodos diversificados que incluem textos de panfletos, revistas, receitas e músicas que são pequenos de fácil entendimento.

O trabalho que as professoras fazem, certamente ajudam os alunos a lidar com as dificuldades de aprendizagem, mas é preciso em consideração o comentário de Junior, Alves e Silva (2012, p. 5), quando dizem que é preciso que:

O professor reveja os métodos de ensino levando o aluno a vivenciar cada situação para que ele possa aprender sem ser de forma mecânica, pois o papel do professor é estimular o aluno, fazendo uma mediação entre seus conhecimentos prévios, ajudando-o a encontrar a resposta correta. Trabalhar as palavras partindo de um texto, para que as crianças compreendam e assimilem melhor o que lhes é ensinado.

Foi perguntado às professoras sobre a importância dos pais na aprendizagem dos filhos. Foram dadas as seguintes respostas:

Os pais devem acompanhar o aprendizado dos filhos, procurando ajudá-los nas atividades escolares, estimulando os filhos, e cobrando dos mesmos, sempre olhar os cadernos para certificar que o aluno está se desenvolvendo no aprendizado (Professora C).

Os pais interagindo com a aprendizagem facilitam não somente para o aprendizado do aluno, mas também nos aspectos cognitivos, psicológicos, social e motor. Além de o professor conhecer melhor as dificuldades e saber que pode contar com a parceria dos pais (Professora A).

É de suma importância que a família e a escola caminhem juntas. (Professora B).

Mediante as respostas dadas constatou-se que todas as professoras consideram importante a participação dos pais na aprendizagem de seus filhos. E, nesse sentido Commer e Haynes (*apud* CHAKUR, 2001, p. 59) consideram que a participação da família é fundamental para

uma aprendizagem significativa. E, ainda reforçam que a família quando demonstra interesse podem “ajudar a criança no processo escolar”.

Para Carvalho e Viana (*apud* CHAKUR, 2001), a escola e a família são responsáveis pela educação de crianças, daí a importância de uma boa comunicação entre pais e professores quando se diz respeito ao trabalho que é desenvolvido em sala de aula e a participação dos pais nas atividades promovidas no ambiente escolar.

Finalmente foi perguntado às professoras o que a escola tem feito para ajudar os alunos que apresentam dificuldades na aquisição da leitura e escrita. Nessa pergunta as professoras responderam que:

Tem desenvolvido um trabalho interdisciplinar com sequências didáticas, reuniões periódicas com a família para conscientização, trabalhos diversificados com atividades significativas para o aluno (Professora A).

Reforços, projetos de leitura e escrita e acompanhamento individual (Professora B).

Procuramos chamar os responsáveis para conversar, conhecer a realidade do aluno; o que está vivendo no seu dia a dia. Muitas vezes percebemos que a criança não tem um adulto para orientá-lo nas atividades de casa ou para motivá-lo a ler um livro. Problemas familiares também prejudicam a aprendizagem da criança (Professora C).

Pelas respostas dadas acima, nota-se que a escola não tem sido omissa quanto a esse aspecto. Tem procurado exercer o seu papel.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procurou compreender quais são os desafios enfrentados pelos professores das séries iniciais para a aquisição deste processo da leitura e escrita. Para compor a base teórica do estudo foi necessário fazer uma pesquisa bibliográfica sobre o tema aqui proposto.

Os dados da pesquisa bibliográfica mostram que na maioria das vezes, a aprendizagem da leitura e escrita acontece na escola e que o professor é o mediador desse processo.

A aprendizagem da leitura e da escrita é muito importante para qualquer pessoa, no entanto, no período escolar existe a possibilidade de alguns alunos apresentarem dificuldades para

aprender a ler e escrever. E, cabe ao professor verificar se o aluno aprende ou não e isso ocorre mediante a avaliação do desempenho escolar do aluno.

Para entender como acontece esse processo na prática foi desenvolvida uma pesquisa em uma escola municipal da Serra/ES, onde foi entregue um questionário para três professoras que atuam na 2ª, 3ª e 4ª série do ensino fundamental.

Os dados da pesquisa revelaram que todas as professoras entrevistadas trabalham com alunos que apresentam dificuldades na aquisição da leitura e da escrita e procuram uma forma de solucionar o problema da dificuldade, buscando assim as intervenções necessárias e adequadas para melhor atender esses alunos.

Constatou-se também que é importante o professor ter bem em mente o tipo de método para trabalhar a aprendizagem da leitura, reveja se possível esse método e deve lançar mão de materiais diversificados que motivem o aluno que apresenta dificuldade na aquisição da leitura e da escrita.

Também ficou evidente que as professoras atribuem a dificuldade que encontram no processo de ensino e aprendizagem é a resistência e desinteresse dos alunos, bem a ausência dos pais na escola. Daí a necessidade de um maior envolvimento da família no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Constatou-se também que a escola, como um todo tem procurado ajudar o aluno que apresenta dificuldade através do desenvolvimento de trabalhos interdisciplinar, reuniões pedagógicas, projetos de leitura, reuniões com os pais e atividades de reforço.

Mediante os dados aqui apresentados, podemos dizer que as professoras enfrentam desafios, dentre eles podemos destacar a ausência da família e na medida do possível tentam resolvê-los. Ficou evidente que a escola e a família devem desempenhar a função que cabe a cada uma no sentido de poder sanar as dificuldades apresentadas pelos alunos.

## **5 REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite (Org.) **Problemas da educação sob o olhar da Psicologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

CHARMEUX, Eveline. **Aprender a Ler**: vencendo o fracasso. São Paulo: Ática, 1994.

CORREIA, Luís de Miranda; MARTINS, Ana Paula. **Dificuldades de aprendizagem**: Que são? Como entendê-las? Biblioteca Digital: Coleção Educação, Porto Editora, 2000.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. **Distúrbios da aprendizagem**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. 4 ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1991.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. (org.) **Os filhos do analfabetismo**: propostas para a alfabetização escolar na América Latina. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1991.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1991.

JUNIOR, Cícero Francisco de Araújo; ALVES, Joelma Damasceno; SILVA, Maria Rejane Gomes da. As dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura e escrita : estudo de caso com alunos do 3º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública em Irauçuba-CE. **Fórum Internacional de Pedagogia**, Parnaíba / PI Brasil. Campina Grande: REALIZE Editora, 2012. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/b76af029865994d96b1fc8a8e35baec6\\_1877.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/b76af029865994d96b1fc8a8e35baec6_1877.pdf). Acesso em: 10 jun. 2013.

LIMA, Jacqueline de Castro Murad. Dificuldade de aprendizagem no processo de aquisição da leitura e da escrita. **Artigo** apresentado ao Centro de Superior de Tupi Paulista – CESTUPI, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PÉRSIO, Nelci Soares. Dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização. UNASP. **Artigo**. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp180.htm>. Acesso em: 10 jun. 2013.

ROSA, Sanny S. da. **Construtivismo e mudança**. São Paulo: Cortez, 1994.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da linguagem escrita**. Tradução de Beatriz Cardoso. 4 ed. São Paulo: Trajetória Cultural, Campinas: Ed. da Universidade Estadual Campinas, 1993.

ZILBERMAN, R.. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **A produção cultural para a criança**. Ed. Mercado Aberto: Porto Alegre, 1988.

\_\_\_\_\_. **Leitura – Perspectivas interdisciplinares**. SP, Ática. 1988.

## EDUCAÇÃO CORPORATIVA A DISTANCIA

Izabel Diolindo de Assunção Simões Trarbach <sup>1</sup>

Fabricia Erler Von Randow de Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

Esse artigo aborda a maneira de usar ferramentas *online* na educação corporativa a distancia. Tem como objetivo evidenciar as vantagens e desvantagens desse tipo de treinamento pela Internet tanto para as organizações como para colaborador, além dos principais fatores de sucesso na implantação do projeto, também conhecido como *e-learning*. Para realiza-lo, usou-se como metodologia de pesquisa a coleta de dados no acervo de bibliotecas com livros e autores específicos ao assunto, de artigos científicos apresentados em congressos e seminários, banco de dados da Internet, além de entrevistas profissionais com diretores e supervisores de empresas que vivem essa realidade dentro da sua organização. Essa prática demonstra custos baixos para treinamentos específicos, que seriam muito mais dispendiosos se fossem presenciais, possibilitando dessa forma, uma ampla visão das teorias e da prática. Percebe-se que nesse tipo de abordagem a empresa tem lucros financeiros e em tempo. Para que se tenha sucesso na educação corporativa a distancia faz-se necessário o envolvimento dos empresários e funcionários pois são desenvolvidas competências.

**PALAVRAS-CHAVE:** *e-Learning*; Educação Profissional; Treinamento; Capacitação; RH; Empresas; Diminuir Custos; Treinamentos a Distancia.

## ABSTRAC

This article discusses how to use online tools in the corporate distance education . Aims to show the advantages and disadvantages of this type of training over the Internet for organizations and for employees in addition to the key success factors in the implementation of the project , also known as e -learning . To realize it , was used as a research methodology to collect data on the stock of libraries specific to the subject of papers presented at conferences and seminars , database, Internet books and authors , as well as interviews with professional directors and supervisors of companies who live this reality within your organization . This practice demonstrates lower costs for specific training , which would be much more expensive if they were alive, thus enabling a broad overview of the theories and practice . It is noticed that this type of approach the company has financial and time profits . To have success in the corporate distance education it is necessary the involvement of employers and employees as skills are developed.

**KEYWORDS:** e-learning, Vocational Education, Training, Capacity, HR Business, Reduce Costs, training to Distance

## 1 INTRODUÇÃO

Reduzir custos alcançando os mesmos resultados é o fator chave de crescimento das empresas em qualquer ramo de atuação, quer seja micro empresas, empresas de pequeno e médio porte e até mesmo multinacionais. Cada vez mais a tecnologia é uma grande aliada, apresentando-se como ferramenta que atua simplificando e otimizando processos, rompendo barreiras de tempo e espaço. As vantagens das soluções tecnológicas já são exploradas na produção por meio de maquinas e equipamentos de alta precisão em fabricas, montadoras e até mesmo no trabalho rural. Com grandes dificuldades logísticas enfrentadas no Brasil e uma oportunidade de vendas sem a necessidade de estrutura física específica que o varejo demanda, a internet mostra-se como solução eficaz de vendas por meio de e-commerce. O marketing encontrou o seu espaço nas mídias sociais, como o *Facebook*, com possibilidades de publicidades com grandes retornos e baixos custos.

No presente artigo apresenta-se o *e-Learning* como ferramenta de solução tecnológica para o profissional de recursos humanos que tem como desafio reduzir custos no processo de educação corporativa de forma inovadora, justificado principalmente pela ausência de espaço



físico, economias com transporte, hospedagens, alimentação que representam aproximadamente 80% dos custos totais, em relação a um treinamento presencial.

Como metodologia de pesquisa, além de coletar de dados no acervo de bibliotecas com livros e autores específicos ao assunto, de artigos científicos apresentados em congressos e seminários, banco de dados da Internet, entrevistou-se Carla Azevedo, diretora comercial da empresa SEAPE, que está situada em Vitória ES, que há mais de 10 anos atua no mercado de prestação de serviços ao empresário. Andressa Anely, supervisora de cargas da TAM na base de Vitória ES também contou, através de entrevista, o principal motivo que levou a empresa a optar por treinamento a distância.

Ambas revelam o problema de alto custo de treinamento ao contratar novos funcionários, que nos dois casos, para um treinamento presencial seria necessário investimento em viagens, implicando em custos com hospedagem, transporte, alimentação, além da ausência do funcionário na sua base de trabalho.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 CONCEITOS DE TREINAMENTO**

A necessidade de treinamento de pessoal é inquestionável, ao receber um novo funcionário na empresa, na implementação de novos processos ou nova tecnologia e até mesmo para manter a equipe atualizada. Segundo Chiavenato (2004) ver o treinamento como um meio para adequar a pessoa ao cargo ou simplesmente prepara-lo para desempenhar uma nova tarefa são conceitos muito restritos e de pensamentos obsoletos.

“Modernamente, o treinamento é considerado um meio de desenvolver competências nas pessoas para que se tornem mais produtivas, criativas e inovadoras a fim de contribuir melhor para os objetivos organizacionais e se tornarem cada vez mais valiosas”. (Chiavenato, 2004, p 339)

Importante esse pensamento de Chiavenato, ao analisar que é valioso para a própria empresa capacitar seus colaboradores fazendo disso um instrumento de crescimento para ambos. Exatamente é o que acontece na SEAPE, empresa de serviços de apoio ao empresário, que encontrou no treinamento *online* a melhor forma de treinar os representantes em todo o Brasil.

Em tempo de inovação, a empresa moderna não pode ter um funcionário apenas para executar tarefas. O mundo corporativo está sedento de novos pensamentos. Sendo assim, o valor humano dentro da empresa não está na capacidade do funcionário em fazer, mas sim, em fazer acontecer de forma criativa e inovadora visando sempre diminuir custos, aumentar rendimento.

Não há espaço no mercado para empresas que ainda vivem na administração taylorista-fordista. Eboli (2004) explica que nesse exemplo de administração a produção era padronizada e centralizada, trabalho alienante, a tecnologia com automatização rígida e o trabalho banalizado em mera repetição rotineira. A área de treinamento e desenvolvimento (T&D) das empresas habituava-se a “entregar cursos” ao público interno por força de demandas concretas, oferecendo programas para desenvolver simplesmente habilidades específicas com ênfase na necessidade individual e sempre dentro de um escopo tático-operacional.

Na visão de Eboli (2004), o surgimento de um novo ambiente empresarial caracterizado por profundas e frequentes mudanças, exige uma necessidade de respostas cada vez mais ágeis, para garantir a sobrevivência da organização, gerando um impacto significativo no perfil de gestores e colaboradores que as empresas esperam formar nestes novos tempos.

Segundo a diretora comercial da SEAPE, Carla Azevedo, no treinamento a distância de representação comercial o novo colaborador receberá não apenas informações sobre a empresa, mas uma ferramenta para agir de forma rápida e eficaz mediante a necessidade de cada cliente.

Sampaio, et al,(2004) ainda aborda o treinamento na visão de qualidade de vida dentro da empresa. Aqui no Brasil nos anos 60 e 70 a cultura de treinamento constituía de maneira que o mais antigo no cargo transmitia sua experiência e conhecimentos adquiridos ao longo da jornada profissional. Com isso, muitos se sentiam chefes do novo colaborador, comprometendo assim o estilo de liderança e a qualidade de vida do novo funcionário.

Dentro desse cenário de mudança e inovação aliado a tecnologia, o profissional de T&D encontra amplas opções de formas para treinamento. As redes públicas de Internet assim como as redes privadas pela Intranet empresarial, como explica Chiavenato (2010), têm o poder de ligar pessoas nos lares e locais de trabalho, nas empresas e filiais espalhadas por vários países e pelas diferentes partes das cadeias produtivas. Esse é apenas um, entre tantos fatores, pelo qual o ensino corporativo a distancia está expandindo cada vez mais.

Carla Azevedo pontuou a redução de custos quando a empresa passou a treinar seus representantes por meio da Internet usando o aplicativo de conversa simultânea *online* gratuito chamado *Skype*, e essas vantagens serão apresentadas também na visão de pesquisadores.

## 2.2 CONCEITOS, APLICAÇÕES, VANTAGENS E FATORES DE SUCESSO

Com o avanço da tecnologia e novos recursos surge o *e-Learning*, que Chiavenato (2009) explica como sendo o treinamento baseado na *WEB*, utilizando processos de ensino e aprendizado que são apoiados e mediados pela Tecnologia da Informação com sessões de vídeo e videoconferência. Esse treinamento pode ser feito em duas abordagens: Síncrona e Assíncrona.

A Aprendizagem Síncrona, segundo Chiavenato (2009), é a aprendizagem em tempo real através de um instrutor que guia os alunos sincronizados ao mesmo tempo e comunicando-se de modo *online* e direto com cada um. O instrutor mantém o controle sobre a classe permitindo que os alunos “levantem suas mãos eletrônicas” para perguntas e interação. Por sua vez, a aprendizagem em que há interação entre professores, alunos e tutores ocorrem de maneira imprevista ou em períodos diferentes de tempo é chamada de assíncrona.

Observa-se que dessa forma o departamento de T&D avaliará as melhores ferramentas para ensino *e-Learning* conforme o objetivo. Por exemplo, na empresa aérea TAM, disponibiliza-se o conteúdo de forma assíncrona na plataforma da *Intranet*, isto é, no próprio site da empresa o funcionário digita o código e senha, realizando as tarefas segundo a sua disponibilidade de tempo e horário.

Milkovich (2006) destaca a distribuição rápida e consistente da experiência do treinamento entre um grande número de indivíduos, além da vantagem de não existir limitação de tempo

dos instrutores ou da logística necessária para se colocar alunos e instrutores em um mesmo local e hora.

Entretanto, Scremin (2002) acredita que o sucesso desse novo conceito está no núcleo da reforma da educação corporativa, que deve deixar de focar apenas em ensinar conteúdos e preocupar-se em desenvolver competências.

Andressa Anely, supervisora de cargas da TAM na base de Vitória-ES explica que, para desenvolver competências operacionais, a empresa oferece cursos a distância específicos para cada área. Para os funcionários da área administrativa, por exemplo, disponibilizam-se os cursos na área de informática, redação e língua portuguesa.

Por outro lado, Borges-Andrade, *et al* (2006) sugere que a chave do sucesso para a educação corporativa é o comprometimento e envolvimento da alta cúpula com o sistema de educação além da implementação de um modelo de gestão de pessoas por competência. Nesse sentido a diretora comercial da SEAPE, Carla Azevedo, explica que a empresa criou um departamento específico de treinamento a distância, investindo na formação profissional de um colaborador a fim de obter melhores resultados, mostrando assim o comprometimento da diretoria.

Borba (2007) ressalta a necessidade do empenho por parte do aluno nesse modo de autoaprendizagem que ao optar por *e-Learning*, assume uma enorme responsabilidade, dado que a empresa investe na sua qualificação e o estudante por sua vez, terá autonomia e flexibilidade de horários, o que demanda uma rígida disciplina.

Sobre o comprometimento por parte do aluno, Andressa Anely, supervisora de cargas da TAM, aponta algumas dificuldades como, por exemplo, a falta de honestidade do funcionário ao fazer a avaliação final consultando o material quando na verdade o projeto propõe que seja sem consulta. Entretanto é evidente a redução de custos quando comparado um treinamento a distância com o presencial.

### 2.3 A RELAÇÃO CUSTO E BENEFÍCIO DO *E-LEARNING*

A logística de um treinamento presencial pode ser complicada quando se trata de funcionários localizados em cidades, ou até países diferentes. Drummond e Dumont apresentaram um artigo em 2004 no II Seminário Nacional de Educação a Distância da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), São Paulo-SP, um estudo de caso realizado na Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) um treinamento ofertado a 147 funcionários do sistema FIEMG localizados no interior do estado, comparando os valores de investimento na modalidade *e-Learning* presencial na cidade de Belo Horizonte.

A pesquisa de Drummond e Dumont, aponta que para realizar o evento presencial o valor total foi estimado em R\$48.118,90 dos quais 79,64% dos custos são oriundos de despesas referentes a deslocamento, hospedagem em hotéis, diária de alimentação e dias em que o colaborador ficará fora da unidade.

Por outro lado, Drummond e Dumont mostram que ao contratar uma empresa especializada em serviços de educação corporativa à distância o valor total do investimento foi estimado em R\$16.275,00 considerando a contratação da empresa e os custos totais com conexão.

Boog (2005) fez um levantamento de 64 organizações que oferecem o serviço de soluções de treinamentos e participaram das quatro edições do Prêmio *e-Learning* Brasil, de 2002 a 2005.

“Mais de R\$340 milhões foram investidos, com um crescimento de 40 por cento ao ano, somente para atender o segmento corporativo. Os benefícios acumulados nesse mesmo período foram superiores a R\$636 milhões, representando um retorno médio do investimento inferior a sete meses, e já atenderam mais de 1,5 milhão de profissionais” (Boog, 2005, p 305)

Ao mensurar os resultados da pesquisa entende-se o crescente investimento das empresas que oferecem o serviço. A economia obtida ao oferecer o treinamento a distância foi da ordem de 66, 18% em relação ao presencial. Drummond e Dumont (2004) ressaltam que em valores monetários esta economia representa R\$ 31.843,90 (trinta e um mil oitocentos e quarenta e três reais e noventa centavos).

No X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância, Belém – PA em 2013, Nishida et al afirma que os principais motivos dos crescentes investimentos em educação à distância é o binômio: economia de tempo e dinheiro. Para os pesquisadores, as empresas buscam

soluções que diminuam seus investimentos e que ao mesmo tempo lhe gerem resultados tornando-as mais efetivas.

Nas entrevistas realizadas para elaboração do presente artigo, Andressa Anely e Carla Azevedo, concordam que a educação corporativa a distância é uma solução de economia de tempo e dinheiro, como por exemplo na SEAPE, que adotou treinamento por videoconferência como forma de redução de custos.

Andressa Anely salienta que nem todos os cursos deveriam ser disponibilizados na modalidade *online*, citando como exemplo o treinamento de embarque de animais vivos. Quando ingressou na empresa, a supervisora conta que fez o curso de forma presencial na base de São Paulo onde ficou por três dias, isto significa que, durante esse período, a empresa teve custos com transporte, hospedagem, alimentação, além da ausência do funcionário na sua base de origem.

Todavia, esse treinamento em especial exige muita técnica e prática e esse conteúdo não pode ser passado a distância, nem mesmo com um vídeo, como por exemplo, quando o aluno tem contato direto com o animal vivo, consegue na prática ter suas dúvidas de como proceder. Sendo assim, Anely acredita que os 3 dias em São Paulo não é um custo e sim um investimento que agregará na qualidade de prestação do serviço.

### **3 METODOLOGIA DE PESQUISA**

Por meio de entrevistas com a diretora comercial da empresa SEAPE, Carla Azevedo, e com a supervisora de cargas da TAM na base de Vitória ES, Andressa Anely, no presente artigo apresentou-se casos de sucesso em empresas que adotaram a educação corporativa a distância como forma de treinamento.

Ao perguntar a Carla Azevedo sobre o principal motivo que levou a empresa a optar pela educação corporativa a distância ela mencionou a redução de custos. A empresa possui representantes em diversas capitais brasileiras e a sede encontra-se em Vitória ES, portanto, é muito mais econômico treinar por videoconferência, usando o Skype do que custear transporte e hospedagem de uma viagem.

Ao ser questionada sobre a eficácia do treinamento a distancia, Carla Azevedo afirma que os resultados são positivos e satisfatórios, uma vez que o representante pode interagir já que esse treinamento é em tempo real. Além disso, ressaltou que a empresa investiu em um departamento específico, com profissionais qualificados, o que garante o sucesso de aprendizagem, onde o representante receberá não apenas informações sobre a empresa, mas uma ferramenta para agir de forma rápida e eficaz mediante a necessidade de cada cliente.

Ao entrevistar a supervisora de cargas da TAM na base de Vitória ES, Andressa Anely, perguntou-se o motivo pelo qual a empresa optou por treinamentos a distancia. Explicou que a base central está situada no estado de SP, dessa forma, a cada novo funcionário que ingressava na corporação era necessário enviá-lo, o que torna o custo muito alto. No treinamento a distancia, na página da empresa na *Internet*, o colaborador acessa com código e senha a todos os cursos sem restrição de horário e local.

Apontou ainda que a empresa disponibiliza cursos específicos para cada área, Para os funcionários da área administrativa, por exemplo, disponibilizam-se os cursos na área de informática, redação e língua portuguesa.

Ao ser questionada sobre a eficácia do treinamento a distancia Andressa Anely aponta algumas dificuldades como, por exemplo, a falta de honestidade do funcionário ao fazer a avaliação final consultando o material quando na verdade o projeto propõe que seja sem consulta.

Todavia, Andressa nota que nem todos os cursos deveriam ser disponibilizados na modalidade *online*, como exemplo, citou o treinamento de embarque de animais vivos. Explicou que quando ingressou na empresa, a supervisora fez o curso de forma presencial na base de São Paulo onde ficou por 3 dias, e a empresa teve custos com transporte, hospedagem, alimentação, além da ausência do funcionário na sua base de origem.

Embora seja menos econômico, Andressa Anely afirma que, nessa caso específico, não seria um custo, mas sim um investimento visto que esse treinamento em especial exige muita técnica e prática e esse conteúdo não pode ser passado a distancia. Entretanto, em assuntos que são teóricos, como por exemplo cursos administrativos, o resultado é satisfatório.

#### **4      CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse artigo descreveu a maneira de usar ferramentas *online* na educação corporativa a distancia e como objetivo evidenciou as vantagens desse tipo de treinamento pela Internet. Demonstrou-se a realidade e os aspectos através de entrevistas com profissionais e empresas que utilizam essa ferramenta dentro de sua organização, e comprovado através das pesquisas que esse tipo de educação nas corporações demonstra custos baixos para treinamentos específicos, que seriam muito mais dispendiosos se fossem presenciais.

As empresas entrevistadas através de seus gerentes expuseram que encontraram na ferramenta *online* a melhor forma de treinar os representantes ou seus funcionários, alguns deles não apenas em seu estado mas no Brasil. Duas formas foram abordadas de como utilizar esse tipo de educação. Uma utilizando a plataforma *Intranet* quando os alunos e professores entram em horários distintos, e quando é determinado horário e o treinamento é feito no mesmo momento *online, via skype*. As pesquisas com autores da área de educação a distancia, concluíram que há uma distribuição rápida e consistente da experiência do treinamento entre um maior número de indivíduos por não haver limitação de tempo dos instrutores ou da logística necessária para se colocar alunos e instrutores em um mesmo local e hora.

Acredita-se que o sucesso desse novo conceito está na reforma da educação corporativa, que deve deixar de focar apenas em ensinar conteúdos e preocupar-se em desenvolver competências.

## 5. REFERENCIAS

BOOG, Magdalena T. **Manual de Treinamento e Desenvolvimento: processos e operações**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006

BORBA, Marcelo de Carvalho. **Educação a Distancia Online**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BORGES-ANDRADE, Jairo E.; ABBAD, Gardênia da Silva; MOURÃO, Luciana. **Treinamento, Desenvolvimento e Educação em organizações e trabalho: fundamentos para a gestão de pessoas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CHIAVENTATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas: O Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

\_\_\_\_\_. **Treinamento e Desenvolvimento de Recursos Humanos: como Incrementar Talentos na Empresa**. 7ª ed. Barueri: Manoele, 2009.



\_\_\_\_\_. **Comportamento Organizacional**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

DRUMMOND, Ricardo Luiz Araujo; DUMONT, Denise Aparecida de Oliveira. **O e-Learning como Redutor de Custos de Treinamento Corporativo: Um Estudo de Caso na Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG**. II Seminário Nacional de Educação a Distância da Associação Brasileira de Ensino a Distância (ABED), São Paulo/SP. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/182-TC-D4.htm>> Acesso em: 25 de março de 2014.

EBOLI, Marisa. **Educação corporativa no Brasil: Mitos e Verdades**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

Educação corporativa a distância. Entrevista com Andressa Anely, Supervisora de Cargas da empresa TAM, na base de Vitória ES em 29 de março de 2014.

Educação Corporativa a Distância. Entrevista com Carla Azevedo, Diretora Comercial do Grupo SEAPE em 29 de março de 2014.

MILKOVICH, George T. **Administração de Recursos Humanos**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

NISHIDA, ÉboniPegolo, et al. **A aplicabilidade do Ensino a Distância na Capacitação e Treinamento dentro de Empresas Privadas, pelos Futuros Profissionais de Recursos Humanos**. ESUD 2013 – X Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Belém/PA, 11 – 13 de junho de 2013 – UNIREDE. Disponível em<<http://www.aedi.ufpa.br/esud/trabalhos/poster/AT2/114253.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2014.

SAMPAIO, Jäder dos Reis, et al. **Qualidade de Vida no Trabalho e Psicologia Social**. 2ª ed. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2004

SCREMIN, Sandra Bastianello. **Educação a Distância: uma Possibilidade na Educação Profissional Básica**. Florianópolis: Visual Book Editora, 2002.

# **ENSINO-APRENDIZAGEM E A AÇÃO DO PROFESSOR NA SALA DE AULA**

*Célia Viana da Silva<sup>13</sup>*

## **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo mostrar considerações referentes à ação do professor no processo ensino-aprendizagem e apresentar sugestões sempre respaldadas por embasamentos teóricos e experiências vivenciadas por profissionais que atuam no campo educacional, resgatando a autoestima dos docentes e discentes e até mesmo eliminar os contrapostos que de certa forma adentram-se no contexto do ensino danificando a prática da ação pedagógica. Portanto, é importante tomar por base as observações concernentes a relação professor-aluno,

---

<sup>13</sup> Graduanda do curso de Pedagogia – MULTIVIX - SERRA

de modo a observar como está sendo adotada a metodologia pelo docente, sabendo-se que esta será um dos principais fatores que rege a motivação pelo aprender por parte do discente em formação.

**Palavras- chave:** Professor, Aluno, Ensino-Aprendizagem.

## ABCSTRAT

This article aims to show considerations relating to the action of the teacher in the teaching-learning process and suggestions always supported by theoretical bases and experiences of professionals working in the educational field, restoring the self-esteem of teachers and students and even eliminate opposing that somehow they enter in the context of teaching the damaging practice of pedagogical action. Therefore, it is important to build on the observations concerning teacher-student relationship, in order to observe how the methodology is being adopted by the teacher, knowing that this will be one of the main factors that govern the motivation for learning by the student in training.

**Keywords:** Teacher, Student, Teaching and Learning

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como enfoque o tema Ensino-Aprendizagem e a Ação do Professor em sala de aula. Desta forma, o professor passa a ser o mediador desse processo, Sendo aquele que planeja as atividades produtivas para estabelecer a aprendizagem, a investigação e a pesquisa que orientam as mudanças de conceitos. através das atividades de aprendizagem, a criança é desafiada a ir ao encontro do novo, produzir, elaborar e reelaborar conhecimentos.

Para que a aprendizagem aconteça é necessário que se institua em um ambiente onde o ajustamento afetivo seja a condição primordial. Portanto, é importante que a criança sinta-se segura, acolhida e protegida por todos envolvidos no seu processo de aprendizagem, e para tanto é necessário que a família, comunidade e escola estejam sempre presentes. Uma criança

que cresce em um ambiente de discórdias pode sofrer algumas reações, pela transferência de maus hábitos de um responsável a qual ela tem como exemplo, ou pelo exemplo de outras pessoas, passando a agir de igual forma. Mas o importante é que siga o caminho da aprendizagem.

Nos dias atuais, uma boa parte dos alunos não conseguem concluir satisfatoriamente sua trajetória escolar por um motivo ou outro não dá sequência ao processo de aprendizagem. Com base em algumas teorias sobre aprendizagem, nota-se que cada vez que é melhorada a qualidade do ensino nas escolas o quadro é menos desolador. Muitos dos questionamentos que enfrentamos na educação brasileira têm relação direta com diversos fatores que se relacionam diretamente com a aprendizagem do aluno.

Os problema apontado nesta pesquisa está rodeado de alguns conceitos muito polêmicos com relação a aprendizagem, envolvendo o aluno como “o problema” da situação. O aluno-problema é aquele que padece de certos distúrbios psico-pedagógicos, distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (distúrbios de aprendizagem) ou de natureza comportamental, que associa-se usualmente à indisciplina. A indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos tornam-se duas faces de uma mesma moeda, pois alunos-problema podem ser tomados como privilégios para a ação docente alcançar a almejada excelência profissional. Quando na realidade, o que se busca, no caso do exercício profissional de qualidade, é uma situação-problema e a possibilidade de equacioná-la ou suplantá-la.

A proposta em sala de aula, visa entender as causas do baixo aproveitamento dos alunos tomando as medidas necessárias para identificar os problemas e buscar soluções cabíveis por meio da ação pedagógica se engajando no trabalho docente com compromisso, conhecimento, e a experimentação de novas estratégias de trabalho e investigação da prática.

O objetivo, desta pesquisa, é trabalhar de modo a reeducar e englobar todos os meios cabíveis para trabalhar com qualquer tipo de dificuldade do aluno na perspectiva de melhorar o ensino-

aprendizagem quer por professores, quer por pais ou outros educadores. Incluindo ainda atividades de reeducação no contexto da leitura e escrita na sala de aula.

A metodologia utilizada nesta pesquisa de campo foi feita através de entrevistas observações respaldando-se em embasamentos teóricos para a análise e entendimento da prática pedagógica, sendo também por meio de acompanhamento com os alunos procurando estimular as professoras a refletirem sobre a forma de trabalho na sala de aula, tendo a duração de três meses em uma Escola da rede Municipal, fazendo averiguação das causas possíveis através de relatórios, para a identificação de possíveis problemas embasando em contextos teóricos e encaminhados a profissionais qualificados em áreas específicas para diagnosticar o problema do aluno para um melhor desenvolvimento em sua aprendizagem.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

O início da aprendizagem humana se dá no âmbito familiar, e depois no social e na escola, ou seja, observa-se que existe um conflito quando a criança deixa o convívio familiar e é inserido na escola. Nos dias iniciais do contato escolar, muitos alunos sofrem e outros não, em muitos casos os professores não são compreensivos e receptivos, prejudicando a vida acadêmica e o aspecto de certos alunos por determinadas disciplinas, aumentando o índice do insucesso escolar.

A ação do professor requer o conhecimento como construção, indica conhecer é fabricar mentalmente o objeto a ser conhecido, sendo que depende da familiaridade do novo

conhecimento com os anteriores, da fase de desenvolvimento em que se encontram o sujeito e da própria experiência de aprendizagem. O papel do professor é o de facilitador, mas o conhecimento em si resulta de um processo solitário, centrado na ação do próprio aprendiz.

*Para Vygotsky, a relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, afeto de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe de sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem. É importante reconhecer que a criança é fortemente marcada pelo meio social em que se desenvolve, e que também deixa suas próprias marcas neste meio, que tem a sua família como o seu principal referencial, apesar de todas as relações que ocorrem em todos os níveis sociais. O espaço escolar deve priorizar remeter a história da criança para o seu contexto e através disto promover a troca de saberes entre as crianças.*

As emoções deslocam-se do plano individual, inicialmente biológico, para um plano de função superior e simbólico, de significações e sentidos, constituídos pela cultura. Nesse processo, internalizam-se os significados e sentidos, atribuídos pela cultura e pelo indivíduo aos objetos e funções culturais, a partir das experiências vivenciadas, sendo crucial o papel do outro, como agente mediador entre o sujeito e os objetos culturais. Assim, para o autor, "as emoções isolam-se cada vez mais do reino dos instintos e se deslocam para um plano totalmente novo." (Vygotsky, 1998, p. 94)

Daí vem a importância dos professores, amantes de sua profissão, comprometidos com a produção do conhecimento em sala de aula, que desenvolvem com seus alunos um vínculo muito estreito de amizade e respeito mútuo pelo saber, são fundamentais. Professores que não medem esforços para levar os seus alunos à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento e à descoberta são essenciais, ou melhor, educadores que, ao respeitar no aluno o desenvolvimento que este adquiriu através de suas experiências de vida (conhecimentos já assimilados), idade e desenvolvimento mental, são imprescindíveis.

Segundo Piaget, a construção de conhecimentos pelos sujeitos não produz internamente cópias da realidade externa, a ideia de que o conhecimento não é transmissível é a noção chave de sua obra. Conhecer é o efeito de um processo ativo de elaboração da realidade (externa ou interna) por parte do aprendiz. Quem aprende não é apenas objeto da ação daquele que ensina, mas sujeito ativo dos processos de conhecer. A abordagem iniciada por Piaget é conhecida como construtivismo, no entanto sua perspectiva não é a única referida como construtivismo, entre seus seguidores encontramos diferenças quanto à definição dos processos de construção do conhecimento.

As adaptações da teoria genética de Piaget ao contexto educacional brasileiro ocorreram num momento em que os métodos pedagógicos, baseados na instrução direta, na transmissão de conhecimentos e em certa passividade do aluno, já assinalavam seu esgotamento com diretriz pedagógica, ao mesmo tempo reclamava um novo paradigma em que a relação ensino-aprendizagem pudesse reconhecer o indivíduo como ator principal no processo de aquisição de conhecimento. Conforme esta citação, o autor assegura que...

Cada vez que se ensina prematuramente a uma criança alguma coisa que ela poderia descobrir sozinha, se lhe impede de inventá-la e conseqüentemente, de entendê-la completamente (Piaget, 1970, p. 28).

Toda fase da criança é muito importante para o seu desenvolvimento, e pular uma delas pode trazer conseqüências preocupantes no futuro. Há pais que acham que seu filho é mais esperto que o outro porque começou a andar sem passar pela fase do engatinhar. Sabe-se que cada criança tem o seu tempo e isso não deve ser motivo de preocupação, porém a criança tem que ser estimulada para que passe por todas as fases da melhor maneira possível. A ênfase dada por Piaget à ação reforça o caráter ativo do sujeito na construção de conhecimentos, que pode se produzir nas formas mais básicas de ação.

## 2.2 ESTUDO DE CASO

Este Trabalho de Pesquisa sobre O Ensino-Aprendizagem na sala de aula, foi coordenado pelo professor Omar Carrasco Delgado, que vem desenvolvendo atualmente um trabalho de Pesquisa com os alunos da Escola Multivix tendo como objetivo geral: analisar o cotidiano da sala de aula identificando os problemas, com especial ênfase na identificação e desenvolvimento de ações para a minimização dos mesmos com os professores do ensino fundamental e na caracterização dos dispositivos pedagógicos por eles mobilizados. Esta pesquisa foi desenvolvida numa escola pública do sistema municipal de educação do Município da Serra (E.S).

O objetivo, desta pesquisa, é identificar as representações dos professores sobre a problemática dos vários fatores que prejudicam o desempenho do aluno presente no dia a dia da sala de aula, caracterizar os dispositivos pedagógicos por eles mobilizados para trabalhar estas questões.

Foram organizados nesse estudo de caso três estratégias para a coleta dos dados: observação, entrevista e acompanhamento com as crianças que precisavam de auxílio para o desenvolvimento das atividades. A observação foi realizada em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental. O roteiro de entrevistas foi feito de modo individual por meio de perguntas direcionadas as professoras com relação à prática pedagógica, a metodologia utilizada, as propostas da escola, o cotidiano da sala de aula e de que modo era trabalhado igualdade e diferença na sociedade e na escola etc... As entrevistas foram semi-estruturadas e transcorreram num clima de diálogo e proximidade com as professoras. Quanto ao dia a dia na sala de aula, serão incluídos aspectos relativos à configuração das salas em que foi realizada a observação, assim como os principais elementos que foram possíveis identificar.

As entrevistas foram realizadas com duas professoras, cujos nomes serão explicitados no decorrer deste estudo. As duas professoras possuem formação no nível superior, uma em Pedagogia e outra em Artes, dando continuidade aos estudos de pós-graduação na mesma área. A sala de aula é de tamanho médio, suas mesas e cadeiras são arrumadas de forma vertical. No fundo da sala há uma estante com os livros didáticos, cadernos, livros de história infantil, revistas e. Na mesa há diversos materiais: livros de contos de fada, folhas, lápis,



borracha, apontador, caneta, lápis de cor. A porta da sala fica sempre aberta. A classe é formada por 26 alunos na faixa etária 9 anos, sendo eles a maioria das comunidades adjacentes.

No primeiro momento, houve um diálogo com alguns professores a fim de buscar informações sobre as práticas pedagógicas frente aos problemas que acarretavam o mau desempenho dos alunos na aprendizagem. As professoras argumentaram sobre a preocupação relacionada com as crianças que tinham algum tipo de dificuldade, e ao mesmo tempo com a falta de capacitação para atender as necessidades das crianças.

A dinâmica da sala de aula se desenvolve, em geral, da seguinte maneira: os alunos as chegam às 13:00h e esperam o que a professora tem dizer, a professora dá boa tarde e logo em seguida pede aos alunos para se agruparem e pergunta como foi o dia anterior e cada um se sente à vontade para iniciar a aula, logo depois fazem as atividades do quadro. Às vezes, a professora interfere na escolha quando há um conflito por conta de um lugar disputado. A professora circula pela sala cumprimentando a todos os grupos. Em seguida, passa à correção do dever de casa, faz a correção das atividades do dia e, às vezes, escolhe alguns alunos as para explicar como fizeram a tarefa.

Quando algum aluno apresenta dificuldades, a professora escolhe outro aluno ou aluna mais experiente para ajudá-lo. Uma vez terminada esta atividade, os alunos vão para o recreio. Após o recreio, chega o momento da leitura coletiva. Os títulos são escolhidos diariamente de acordo com a temática proposta. A professora faz a leitura do livro, e cada criança lê um trecho do texto. Após a leitura, as crianças falam sobre o que entenderam da história e relacionam com sua própria vida. A maioria dos alunos participa ativamente das atividades. Ao final, a professora distribui a próxima tarefa de casa, explicando-a. As atividades encerram-se a partir das 17:20h.

Foram feitos alguns questionamentos dirigidos aos professores e o primeiro foi o seguinte: Como é a forma de trabalho para melhorar a aprendizagem das crianças? E a resposta foi a seguinte: “Eu faço a minha parte como professor”, más as famílias também tem uma grande parcela de culpa, pelo mau desempenho dos alunos, pois não se preocupam em ajudá-los, falam que o professor que é o responsável pela aprendizagem do aluno, e fica por isso mesmo.

Quando o problema não envolve fatores mais complexos, o próprio professor consegue resolvê-lo em sala de aula.

Esta entrevista foi determinante para entender de que forma os professores lidam com os diferentes tipos de aprendizagens inserindo o ensino devido para a apropriação do conhecimento. Fizeram parte desta entrevista as duas professoras Valdirene Borges, graduada em Pedagogia, e a professora de Artes Adriana. As duas professoras trabalham da melhor maneira que podem para auxiliar os alunos na sala de aula, além de motivar, conseguem resgatar valores que foram perdidos na vida dos alunos. E esta relação professor–aluno trás harmonia,levanta a autoestima e estimula as crianças aprender com prazer.

As questões relacionadas às dificuldades dos alunos na aprendizagem é motivo de grande preocupação pois, os relacionamentos interpessoais não são fáceis e o relacionamento professor-aluno é um deles. A partir das entrevistas, foram criadas estratégias, nas quais foram expostos os principais pontos referentes aos alunos em sua relação com a família a escola, e com os professores. A relação professor aluno precisa estar em harmonia para que no processo de aprendizagem haja interação dos conhecimentos para que ambos possam se sentir seguros,e motivados a desenvolver as atividades propostas.

Outro fator preocupante é que grande parte dos pais não conseguem acompanhar a os filhos nas atividades que são passadas para fazer em casa. Na maioria das vezes, os pais são analfabetos, pois não concluíram nem o estudo básico, também existem aqueles que estudaram o mínimo, mas não podem ajudar os filhos pela falta de tempo devido o trabalho, ou a te mesmo a falta de conhecimento do assunto.

A escola, como um todo, passa por uma crise de sentido, os alunos não sabem porque vão a ela, a falta de significação do que é estudar, a evasão, a reprovação e a violência que existem nas mais diferentes formas que acabam por transformar esta relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada. O professor pode abrandar este conflito preocupando-se com o relacionamento emocional e afetivo.

O relacionamento baseado na afetividade é, portanto, um relacionamento produtivo auxiliando a relação entre os dois menos conflitante, pois permite que ambos se conheçam, se entendam e se descubram como seres humanos e possam crescer. O aspecto afetividade influi no processo de aprendizagem e o facilita, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e experiências várias, expressando opiniões e criando situações para, posteriormente, serem utilizadas em sala de aula.

Wallon (1978) entende que a primeira relação do ser humano ao nascer é com o ambiente social, ou seja, com as pessoas ao seu redor. As manifestações iniciais do bebê assumem um caráter de comunicação entre ele e o outro, sendo vistas como o meio de sobrevivência típico da espécie humana.

“Os únicos atos úteis que a criança pode fazer, consistem no fato de, pelos seus gritos, pelas suas atitudes, pelas suas gesticulações, chamar a mãe em seu auxílio.(...) Portanto, os primeiros gestos (...) não são gestos que lhe permitirão apropriar-se dos objetos do mundo exterior ou evitá-los, são gestos dirigidos às pessoas, de expressão” (p. 201).

Considerando que o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação de vínculo, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se ou constrói novos conhecimentos.

A falta de comunicação é um problema, o conhecimento, fica muitas vezes prejudicado pela falta da capacidade de ouvir o aluno e, assim, descobrir as suas dificuldades, quando há uma falha na comunicação entre professor–aluno, aluno-professor, poderá ocorrer o distanciamento das duas partes, o que poderá prejudicar a relação.

Na relação professor-aluno, o diálogo é fundamental. A atitude dialógica no processo ensino-aprendizagem é aquela que parte de uma questão problematizada, planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua

organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino, diálogo, no qual o professor transmite o que sabe, aproveitando os conhecimentos prévios e as experiências, anteriores do aluno. Assim, ambos chegam à discussão e na resolução do problema.

Segundo Emilia Ferreiro, a construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta à interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo. O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável.

Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou dedicada do que as demais. Outra noção que se torna importante para o professor é que o aprendizado não é provocado pela escola, mas pela própria mente das crianças e, portanto, elas já chegam a seu primeiro dia de aula com uma bagagem de conhecimentos. É importante que o professor faça a sondagem da atividade, esse processo é dinâmico e na maioria das vezes evolui muito rapidamente, pode acontecer de, apenas alguns dias depois da sondagem, um ou vários alunos terem dado um avanço.

O princípio de que o processo de conhecimento por parte da criança deve ser gradual corresponde aos mecanismos deduzidos por Piaget, segundo os quais cada salto cognitivo depende de uma assimilação e de uma acomodação dos esquemas internos, que necessariamente levam tempo. É por utilizar esses esquemas internos, e não simplesmente repetir o que ouvem que as crianças interpretam o ensino recebido. No caso da alfabetização, isso implica uma transformação da escrita convencional dos adultos. Para o construtivismo, nada mais revelador do funcionamento da mente de um aluno do que seus supostos erros, porque evidenciam como ele “releu” o conteúdo aprendido. O que as crianças aprendem não coincide com aquilo que lhes foi ensinado.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornar-se um professor facilitador não é uma tarefa fácil, pois requer a quebra de paradigmas, o aprender a não desistir, a conscientização de que em uma sala de aula não há aprendizado homogêneo e imediato; que a orientação do professor, acompanhando cada passo do aluno, com intenção de que ele, gradativamente, liberte-se e demonstre seu potencial, é fundamental, a percepção de que a formação continuada é uma necessidade, e que uma postura crítica-reflexiva deve fazer parte do seu dia-a-dia. É preciso falar, tanto quanto possível, através de ações, e apenas dizer o que é impossível fazer.

Os fatores que prejudicam o processo ensino aprendizagem as dificuldades em aprender ler e escrever, podem ser advindas de uma desestrutura no processo educacional ao longo da história do sujeito, torna-se necessário um resgate no processo de ensino aprendizagem, alertando os educadores e os pais sobre a incompreensão de problemas como a leitura e escrita. É papel de a instituição escolar encaminhar essas crianças com dificuldades a especialistas, no sentido de identificar, historiar e intervir nos problemas existentes, ajudando as crianças a superarem os mesmos.

O educador ao assumir sua postura deve lembrar-se de que é um dos responsáveis pelo sucesso do processo ensino-aprendizagem, por isso, não pode esquecer que outros componentes fazem parte desse processo e são tão importantes quanto ele, assim é viável afirmar que a aprendizagem se constrói a partir da interação educador, educando, família e o contexto histórico, dessa forma é possível dizer que cada ser humano contribui de certa forma para a mudança do contexto social, formulando suas próprias ideias a partir de suas experiências da partilha de conhecimentos.

A escola e a família precisam entender que suas contribuições tornam-se muito relevantes com o incentivo na aprendizagem e no envolvimento das crianças nos eventos pedagógicos ocorridos na escola. Quando isto acontece, todo o seu processo de desenvolvimento educacional torna-se mais importante dando mais valor a vida e a capacidade dos alunos.

## **4 REFERÊNCIAS**

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**, Rio de Janeiro: Artmed, 1979.

FERREIRO, Emília. **Cultura Escrita e Educação**. Rio de Janeiro: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **Teoria da aprendizagem na obra de Jean Piaget**. São Paulo: UNESP, 2009.

VIGOTSKY, L.S. 1987. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

## **ESTRATÉGIAS EM GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS: UMA ANÁLISE SOBRE O INDICADOR ABSENTEÍSMO**

Daniela Ferreira Silva<sup>14</sup>

Daniely Klippeler<sup>15</sup>

Renata Peluzio Alves de Oliveira<sup>16</sup>

## **RESUMO**

---

<sup>14</sup> Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES e MULTIVIX-SERRA

<sup>15</sup> Graduada em Administração pela Faculdade Batista de Vitória – FABAVI e MULTIVIX -SERRA

<sup>16</sup> Graduada em Administração pela Faculdade FINAC – Faculdade Nacional e MULTIVIX-SERRA

O Planejamento Estratégico é uma ferramenta necessária para o desenvolvimento de uma organização em crescimento que precisa construir sua estratégia, missão e visão garantindo sua permanência no mercado. O PE é utilizado na administração de empresas, sendo um instrumento que faz parte do desenvolvimento organizacional podendo ser aplicado em qualquer área. Origina-se nos Estados Unidos com alguns autores e empresários preocupados com o crescimento das empresas, no Brasil começa na década de oitenta e vem se tornando cada vez mais um objeto de estudo por vários professores e um valioso método de trabalho para as instituições que almejam maior organização nos seus processos bem como na otimização dos seus recursos financeiros, humanos e materiais. Foi levantado quais são suas características e etapas para aplicação na empresa, podendo ser de forma global ou algum setor específico, quando bem elaborado auxilia no gerenciamento e tomada de decisões. Especificamente nos recursos humanos o PE é um grande aliado quando propicia a organização e avaliação desta área que é de suma importância pois cuida do setor que está lidando diretamente com contratação e manutenção da mão-de-obra. Este artigo busca pesquisar sobre o planejamento estratégico, sua origem e contribuição para a empresa. Verificou-se sua aplicação na área de recursos humanos com objetivo de identificar causas ou fatores que podem atrapalhar ou modificar o planejamento estratégico na gestão de pessoas. Um desses fatores apontado no estudo diz respeito ao absenteísmo. Tema chave deste trabalho descrevendo sobre sua origem e influência no planejamento estratégico na gestão de recursos humanos.

**Palavras-chave:** Planejamento Estratégico; O Absenteísmo; Causas do Absenteísmo; Redução do Absenteísmo.

## **ABSTRACT**

Strategic Planning is a necessary tool for the development of a growing organization that needs to build its strategy , mission and vision ensuring your stay in the market . The PE is used in business administration , with an instrument that is part of the organizational development can be applied to any area . It originates in the United States with some authors and businessmen concerned about the growth of companies in Brazil begins in the eighties and is becoming increasingly an object of study by several teachers and a valuable method of working for institutions that aims to largest organization in their processes as well as to optimize its financial, human and material resources . Was raised what are its features and steps for implementation in the company , and it may be , when well prepared comprehensively or some specific industry assists in management and decision making . Specifically in human resources EP is a great ally when it provides the organization and evaluation of this area is of paramount importance because the care sector that are dealing directly with hiring and retention of hand labor . This article tries on strategic planning , its origin and contribution to the company . It was found its application in the area of human resources in order to identify causes or factors that may hinder or modify the strategic planning in managing people . One of these factors pointed out in the study relates to absenteeism . Key theme of this work describing about its origin and influence strategic planning in human resource management .

**Keywords:** Strategic Planning; The absenteeism; Causes of absenteeism; Reduced Absenteeism

## 1- INTRODUÇÃO

O Departamento de Recursos Humanos é uma área estratégica da empresa, onde o profissional deve desenvolver suas habilidades, competências e implementar as práticas inovadoras dentro da organização.

Para ser um RH estratégico é necessário conhecer a cultura da organização, ser um facilitador, oferecer desenvolvimento de carreira para os funcionários, implantar plano de cargos e salários, desenvolvimento pessoal, implantação de indicadores para obter melhores resultados. A fim de levar a área de Recursos Humanos cada vez mais estratégicos é necessária a utilização de ferramentas importantes como aplicação de fórmulas para mensurar o grau de contribuição da Administração de RH para a organização.

Os indicadores de RH são essenciais para demonstrar os resultados dos investimentos em gestão de pessoas, compreensão do capital humano, sendo eficaz na organização se eles forem úteis na identificação de problemas organizacionais nas tomadas de decisões futuras. Estes indicadores fundamentam e justificam investimentos que possibilitam o crescimento das organizações, numa perspectiva tangível, aplicando recursos de maneira adequada e bem distribuída.

É importante começar medindo os chamados indicadores demográficos, tais como o número de colaboradores existentes, o índice de ausência ao trabalho e o índice de rotatividade de pessoal. Esses indicadores chamado indicador de absenteísmo, fornecerão informações importantíssimas que poderão auxiliar na adoção de melhorias no desempenho das pessoas e terá um uso eficaz na organização se eles forem úteis na identificação de problemas organizacionais.

Entretanto, com toda essa ferramenta de mensuração, controles, tomadas de decisões e devidas ações, o que pode ser feito para reduzir os índices de absenteísmo? O absenteísmo exige muito das organizações, devido diversos fatores que vão desde as questões sociais, gestão de pessoas, saúde entre outros. A não redução do absenteísmo refletirá nos indicadores de qualidade da empresa de forma negativa e interferindo no planejamento estratégico da mesma.



Ao realizar a pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema a ser estudado com o objetivo de relacionar, ler e pontuar os principais pontos necessários. Foi utilizado método de pesquisa através de internet e livros relacionados ao assunto.

## **2- REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO**

O planejamento estratégico (PE) tem sua origem nos EUA como “Corporate Strategy” na tradução para o português leia-se “Estratégia Empresarial”.

Conforme Carvalho (2002, p. 38) esse termo foi o título de um livro traduzido há alguns anos aqui no Brasil e o autor americano é o professor H. Igor Ansoff que a utilizou como modelo de atividade administrativa para tomada de decisões estratégicas. Outro estudioso americano Russell L. Ackoff identifica o PE como uma técnica administrativa. E na mesma linha de atuação um renomado consultor de empresas americanas Martin Bower afirmava que o sucesso do PE estava na adaptação da estrutura organizacional ao seu ambiente focando nos rendimentos da empresa e fatores competitivos.

Para Chiavenato (1999), as organizações não “são criadas a esmo”, funcionam ou existem para algum fim. Assim o PE da organização deve levar em conta sua *missão* e este é o primeiro passo no planejamento. O segundo é a definição da *visão*, ou seja, “é a imagem que a organização tem a respeito de si mesma e do seu futuro”. Outros passos que o PE deve seguir é *construir os objetivos organizacionais*, traçar a *estratégia organizacional* conforme o ambiente em volta da empresa, construir o *planejamento estratégico de RH* como parte integrante do PE e definir qual modelo utilizar e finalmente observar e considerar os fatores que intervêm do planejamento.

Nessa construção do PE e à medida que a organização vai se percebendo ela poderá ser enquadrada em uma “filosofia de ação” que segundo Chiavenato (1999) aponta pode ser uma das três: *planejamento conservador* – voltado para a estabilidade e manutenção do ambiente de modo a assegurar a continuidade da organização; *planejamento otimizador e analítico* – voltado para a melhoria e inovação num ambiente dinâmico e incerto sujeito à mudanças que requer adequações e o *planejamento prospectivo e ofensivo* – voltado para o futuro num

ambiente mais dinâmico e incerto. Apesar de serem diferentes todas tem a mesma função que é a de antecipar a tomada de decisão produzindo efeitos e consequências futuras.

Conforme Chiavenato e Matos (2009, p. 36-37) o PE apresentam cinco características fundamentais: ele está relacionado com a adaptação da organização a um ambiente mutável; é orientado para o futuro; é compreensivo; é um processo de construção de consenso e uma forma de aprendizagem organizacional. Ainda deve ponderar três parâmetros básicos: visão de futuro da empresa, fatores ambientais externos e fatores organizacionais internos conforme podemos visualizar na figura 1 a seguir, ao levar em conta cada um deles a de se definir um ponto em comum para a partir daí construir um PE específico e que não perca de vista toda a dinâmica da organização.

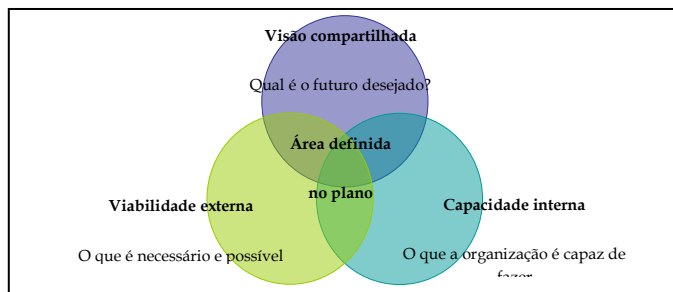


Figura 1 – Os principais parâmetros do planejamento estratégico<sup>17</sup>.

Já Carvalho (2002, p. 39) reconhece que estes estudiosos contribuíram para aceitação e expansão do PE, mas “nenhum deles apresentou sugestões de como formular planos estratégicos específicos”. Somente com Richard F. Vancil e Peter Lorange no ano de 1975 apresentaram o PE como uma metodologia formulada e sistematizada voltada para qualquer organização.

Conforme Carvalho (2002, p. 39) traz a definição utilizada pelo prof. Paulo como uma:

“metodologia de pensamento participativo, utilizada para definir a direção que a empresa deve seguir, por meio da descoberta de objetivos válidos não subjetivos. O produto final desta metodologia é um documento escrito chamado Plano Estratégico”.

<sup>17</sup> Fonte: CHIAVENATO, Idalberto. **Visão e ação estratégica: os caminhos da competitividade** / Idalberto Chiavenato e Francisco Gomes de Matos. 3 ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2009, p. 38.

No Brasil o Prof. Paulo Vasconcellos, da Fundação Pinheiro Netto faz uma análise sobre o PE. A princípio ele começa a analisar “o que ele não é”: não é um plano para cumprir objetivos; não pode ser feito para longo prazo; não é administração por objetivos (APO); ele não é tático e quer abranger toda a organização mas focar em uma área específica conforme necessidade.

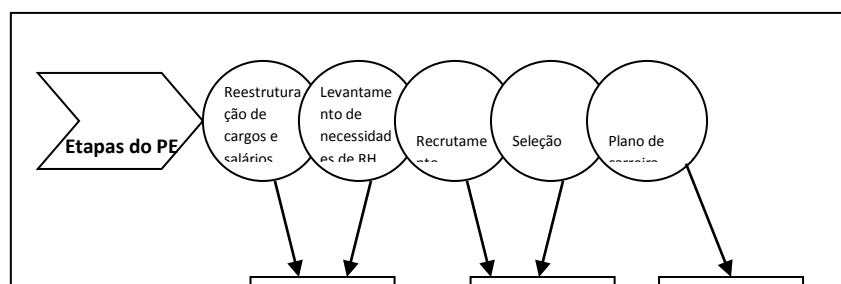
## 2.2 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO DE RECURSOS HUMANOS

Na área de recursos humanos o PE é um processo contínuo de tomada de decisões no setor de administração de pessoal da empresa. Seu caráter deve ser dinâmico e flexível diante das oportunidades, ameaças, pontos fracos e estratégias presentes no mercado de trabalho onde a organização atua. Para Chiavenato e Matos (2009, p. 35) “essa estratégia precisa ser ágil, rápida, flexível e inovadora para enfrentar as turbulências do ambiente no qual as organizações competem entre si”.

Ainda Chiavenato (1999) cita cinco modelos de planejamento de RH que pode ser desenhado após, isoladamente ou integrado com o planejamento estratégico da empresa. Alguns podem abranger toda a organização e outros são específicos. Os modelos são: 1. baseado na procura estimada do produto ou serviço; 2. baseado em segmentos de cargos; 3. de substituição de postos-chave; 4. baseado no fluxo de pessoal e 5. planejamento integrado.

Já Carvalho (2002, p. 42) destaca que é preciso levar em consideração dois elementos centrais do PE de RH: “adaptar-se ao plano estratégico global da organização e aumentar a produtividade do trabalho por meio da soma de esforços, interesses e objetivos.

A organização ao elaborar um PE já pode contemplar as áreas/situações que precisam de ajustes, adequações e melhorias. Especificamente o PE de RH como “instrumento de gestão” ao considerar os elementos acima pode a partir daí ter “uma força de trabalho bem preparada, motivada e integrada”, dessa forma levando a maior utilização de recursos materiais e financeiros da empresa, assim o RH alcança seus objetivos satisfatoriamente e sem perder de vista o planejamento estratégico global da organização conforme cita Carvalho (2002, p. 43).



## Figura 2 – Esquema das etapas do PE de RH<sup>18</sup>

Ao analisar a figura 2 percebe-se que o PE de RH deve seguir etapas necessárias para alcançar êxito em sua execução. Para Carvalho (2002, p. 44-45) existem “princípios” que devem ser considerados como: *Estruturação da atividade de RH* – a empresa deve possuir uma estrutura administrativa dinâmica que tenha processos de recrutamento, seleção, remuneração, treinamento e avaliação de desempenho com foco principal na força de trabalho eficaz e eficiente; *Nível de comunicação* – ampliação e melhoria dos canais de comunicação entre todos os colaboradores da organização, inclusive na implantação do PE, bem como de outros serviços; *Treinamento e desenvolvimento de RH* – o PE ao estimular permanentemente os programas de treinamento e atualização dos profissionais da empresa diminui os riscos de aplicar novas técnicas de trabalho para que o mesmo não perca sua viabilidade.

Percebe-se que os autores concordam num aspecto em comum sobre o PE de RH que é a utilização de um modelo que abranja/integre o planejamento estratégico global da organização. Modelos que não integram um plano maior estão fadados a não funcionar por provocar isolamento ou autonomia da área de RH que seguirá sem resultados satisfatórios.

Outro ponto que necessita de atenção são os fatores que intervêm no PE de RH, para Chiavenato (p. 68, 1999) a respeito da força de trabalho nas organizações, as pessoas nem sempre trabalham exatamente como elas esperam. Assim, é necessário levar em conta os índices de rotatividade de pessoal e o absenteísmo para fazer o planejamento estratégico.

### 2.3 ABSENTEÍSMO

---

<sup>18</sup> CARVALHO, Antonio Vieira de. SERAFIM, Oziléia Clen Gomes. **Administração de Recursos Humanos**. v. 2, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002, p. 43.

Uma das estratégias do RH é controlar o índice de absenteísmo, pois o absenteísmo é a principal razão da baixa da produtividade, interferindo diretamente no planejamento da gestão de pessoas trazendo assim despesas para a organização. Conforme Chiavenato (1999), “cada pequena redução nos índices de absenteísmo pode trazer razoável economia para a organização”.

A palavra “Absenteísmo” vem do latim que significa afastado, ausência do trabalhador no local de trabalho. As suas causas são variadas, e deve ser diagnosticada e estudada de forma de análise das causas e pode ocorrer em qualquer situação.

#### 2.4 AS CAUSAS DO ABSENTEÍSMO

Conforme Chiavenato (2002, pag. 191), existem várias causas do absenteísmo. Para ser diagnosticadas precisam de uma análise de estudos, visualizando valores reais, **separando os tipos , qualidade, grandeza e o principal**: a produtividade do colaborador. Podendo ser supervisionado pelo supervisor, com auxílio do Gestor de Recursos Humanos e diretor de uma Organização.

As principais causas de absenteísmo são: Doenças efetivamente comprovadas; Doenças não comprovadas; Razões diversas de caráter familiar; Atrasos involuntários por motivo de força maior; Faltas voluntárias por motivos pessoais; Dificuldades e problemas financeiros; Supervisão precária da chefia; Políticas inadequadas da organização dentre outros. Chiavenato (2002, pg. 191).

#### 2.5 ÍNDICE DO ABSENTEÍSMO

É importante calcular o índice de absenteísmo, pois, os atrasos, faltas, saída antecipadas somadas em um todo podem vir acarretar prejuízos para a organização.

O índice de absenteísmo reflete a porcentagem das horas/dias ausentes em decorrência ao volume de atividade esperada ou planejada. Devendo ser calculado da seguinte forma:

$$\text{Índice de Absenteísmo} = \frac{\text{Dias de Ausência}}{\text{Efeito Médio} \times \text{Quantidade de Dias}} \times 100$$

A organização deve colocar uma meta anual ou mensal para ter maior controle ou mensuração desses índices e saber se está dentro do esperado. Além de todas essas medidas os líderes tem um papel fundamental para ajudar a prevenir o absenteísmo, podendo identificar na sua equipe a principal causa e buscar alternativas para redução das ausências.

## 2.6 COMO PODEMOS REDUZIR O ABSENTEÍSMO?

Para reduzir o absenteísmo é necessário reconhecer a importância das ações, trabalhando em cima das causas para reduzir e manter o índice de absenteísmo mais baixo possível.

Muitas organizações enfrentam sérias dificuldades para reduzir o índice de absenteísmo e manter este índice baixo e sob controle, onde são apenas realizadas análises superficiais e atuando sobre os efeitos do absenteísmo, e não das causas.

Algumas organizações estão adotando horário flexíveis de trabalho, abandonando os escritórios e trabalhando em casa, onde o trabalho é desenvolvido em ambiente diferenciado, denominando-se *home office*, conforme Chiavenato (2002, pag. 194).

Outra forma de reduzir o absenteísmo é a adoção de programas de Qualidade de vida, visando o bem-estar do colaborador no ambiente e entre a equipe, tendo como benefício à redução de gastos com a saúde, dentre outros.

É importante observar que toda tomada de decisão deverá ter uma análise das causas, portanto, a *implantação de um plano de ação* depois de diagnosticada as causas que elevam o índice de absenteísmo, irão proporcionar aos empregados à promoção de saúde, bem-estar, qualidade de vida no trabalho além da organização ser referências para as outras, tornando-se mais competitiva e trazendo melhorias no planejamento estratégico da empresa.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que o planejamento estratégico bem utilizado como ferramenta/instrumento auxilia na tomada de decisões em qualquer área gerencial, sobretudo em recursos humanos. Por meio dele é possível visualizar os desafios, pressões e necessidades no ambiente de trabalho e formular ações estratégias eficazes.

Na área do RH o PE bem projetado visando organizar e coordenar as suas atividades gerenciais baseado em objetivos estratégicos previamente determinados traz outras vantagens além da tomada de decisão mais eficaz, possibilita também a melhor adaptação da empresa à processos de mudanças, aos gerentes de todos os níveis ter uma visão da direção certa para onde ir, melhor seleção de recursos humanos, materiais e financeiros na organização.

Levando em consideração os fatores que intervém no planejamento estratégico na área de RH, tornando necessário levar em conta os índices de absenteísmo e suas causas para que este planejamento seja bem sucedido.

Portanto, para que a área de Recursos Humanos seja cada vez mais estratégica, é necessária a utilização de ferramentas importantes para mensuração e controle do índice do absenteísmo, a fim de obter com êxito o melhor planejamento estratégico da empresa auxiliando nas tomadas de decisões e promoção a saúde e satisfação dos colaboradores.

### **4 REFERÊNCIAS**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002b.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 6028**: resumos – procedimento. Rio de Janeiro, 2003.

CARVALHO, Antonio Vieira de.SERAFIM, Oziléia Clen Gomes. **Administração de Recursos Humanos**. v. 2, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos nas organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

\_\_\_\_\_. **Visão e ação estratégica: os caminhos da competitividade** / Idalberto Chiavenato e Francisco Gomes de Matos. 3 ed. rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2009.

\_\_\_\_\_. **Planejamento, recrutamento e seleção**. 5. Ed. São Paulo : Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_. **Recursos Humanos**. 7. Ed. São Paulo : Atlas, 2002.

FACULDADE CAPIXABA DA SERRA. **Manual de Normas Técnicas da Faculdade Capixaba da Serra** – Serravix. Serra, 2012.